— CADA NUMERO CONTÊM UMA OBRA COMPLETA —

·A NOVELLA POPULAR· N.º 197



Aventuras extraordinarias d'um policia secreta

O demonio de Stamford-Hill



EDITOR E PROPRIETARIO, F. A. MIRANDA E SOUSA
COMPE E IMPRNA EMPLUSITANA EDITORA —
C. DO FERREGIAL, 23 PERTENCENTE AO EDITOR

PREÇO 60 REIS

REDACÇÃO E ADMNISTRAÇÃO
DA NOVELLA POPULAR
C. DO FERREGIAL, 23, LISBOA

WAM 85-169337

A Novella HISTORICA

Publicação quinzenal de grande formato
Cada numero um episodio completo

60 Rs. A PUBLICAÇÃO MAIS BARATA de PORTUGAL **Rs. 60**

A mais notavel e sensacional
das novidades litterarias

Edição esmerada, cuidadosamente impressa e composta em magnifico typo

E' um trabalho vasado em moldes inteiramente novos que formará a mais completa, a mais curiosa, a mais instructiva

HISTORIA de PORTUGAL

Desde os tempos primitivos até á actualidade

Volumes publicados:

1 Viriato, o heroe luso
2 Roma na Lusitania
3 Os barbaros do Norte
4 A Invasão dos Arabes
5 Fundação de Portugal
6 O cerco de Guimaraes
7 Egas Moniz
8 Conquista de Lisboa
9 Giraldo Sempavór
10 D. Fuas Roupinho (Milagre da Nazareth)
11 Tomada de Alcacer
12 Rainha D. Mécia
13 O Bolonhez
14 O rei trovador
15 Rainha Santa Izabel
16 A Batalha do Salado
17 Ignez de Castro
18 Vingança de Rei.
19 A Rainha Adultera
20 Maria Telles
21 Mestre d'Aviz
22 Padeira d'Aljubarrota
23 O Barbadão
24 O Magriço ou os Doze de Inglaterra
25 Os Tripeiros. (Tomada de Ceuta
26 Descobrimento da Madeira
27 O Alfageme de Santarem
28 O monarcha eloquente
29 A traição de Alfarrobeira
30 Escola de Sagres
31 A Beltraneja
32 Conspiração dos nobres
33 Rei Venturoso

A seguir:

34 Expulsão dos infieis
35 Vasco da Gama
36 A matança dos christãos novos.
37 O Brazil.
38 O Primeiro Viso-Rei.
39 A Conquista de Goa.
40 O Inquisidor.

EMILIO GANTE

HISTORIA POPULAR DA PROSTITUIÇÃO

Desde os primitivos tempos até á actualidade

Acham-se publicados os quatro volumes

I Obscenidades primitivas—A Prostituição na Antiga Grecia 300

Impudicicias de Roma Primitiva—Devassidão dos Romanos..... 300

III Desmoralisação Franceza—Tempos modernos.. 300

IV (e ultimo volume) Tempos modernos..... 300

NICK CARTER

O celebre policia americano

Aventuras extraordinarias e sensacionaes do incomparavel detective

100 rs. CADA VOLUME CONTENDO SEMPRE UMA OBRA COMPLETA rs. 100

Modern-Bibliotheca

Collecção de romances dos melhores auctores

Edições luxuosissimas
com bellas e numerosas gravuras intercalladas
no texto

A *Modern-Bibliotheca* é constituida por edições luxuosas e artisticas; e insere as obras primas dos melhores escriptores modernos.

Volumes publicados:

I—Ditoso lar, *por Marcel Prévost*
II—Aphrodite, *por Pierre Louys*
III—Prima Laura, *por Marcel Prévost*

500 Rs. Preço de cada volume brochado Rs. 500

TRATADO PRATICO DE GIMNASTICA SUECA

por L. C. Kumlien.

Edição de luxo, profusamente illustrada, formando um elegante vol.º in-8º gr.

300 rs.

Aventuras de LORD JACKSON

Genial e audacioso policia-amador

Unico rival de Sherlock Holmes

A serie completa d'esta obra compõe-se dos seguintes volumes

1 Crimes no palacio Jackson
2 O osso d'uma perna
3 Evasão d'um malvado
4 Crimes impunes
5 Calvario d'um assassino
6 Um attentado terrorista
7 A creança martyr
8 Resgate sangrento
9 A falsa suicida
10 Um drama nas nuvens
11 Junto da guilhotina
12 Jackson, em poder dos bandidos
13 O cão policia
14 O esqueleto vivo
15 Bandidos de casaca
16 A rainha dos apaches
17 Duas façanhas notaveis
18 Jackson envenenado
19 Ressurreição de Jackson
20 Sapatos de defuncto
21 Lord Jackson contra Sherlock Holmes
22 Mulheres policias
23 Um milhão de francos
24 As bravatas de um Yankée
25 Coração torturado
26 O quarto dos mortos
27 A cabeça cortada
28 O segredo do conde
29 Tragado pela areia
30 A derrota dos bandidos
31 Os mysterios de Chicago
32 O subterraneo dos cadaveres
33 Por seguir uma mulher
34 A renuncia de Lord Jackson

60 REIS cada volume — Serie completa, 2:000 rs

AC
823.91
D578.99
P47
v.8 no. 197

Numero 197 Lisboa, 27 de Março de 1913 Anno VI

O DEMONIO DE STAMFORD-HILL

CAPITULO I

Uma soirée tragica

Na sumptuosa *villa* que Tom Dundee, o rei dos diamantes, possuia em Horusey, limite do districto de Londres, extinguiam-se pouco a pouco as luzes que durante quasi toda a noite haviam inundado de ondas de claridade aquella vasta e bella habitação.

Trens e automoveis em grande numero estacionavam perto do amplo portão de entrada, para receberem os elegantes convidados que tinham assistido á festa dada pelo rico proprietario de minas na Africa do Sul.

A esposa do rei dos diamantes, Ellen Dundee, joven senhora de extraordinaria belleza, recebia os cumprimentos de despedida. O seu vestido á Imperio, d'uma elegancia pouco vulgar, fazia sobresahir ainda mais a sua figura esbelta e d'uma rara distincção. Um magnifico diadema lhe coroava a fronte, em volta da qual se entreleçaram as suas tranças d'um negro de azeviche.

Tom Dundee acompanhava alguns dos seus amigos pelo jardim, illuminado por centenas de lampeões das mais variegadas côres.

Os ultimos convidados tinham finalmente deixado a *villa*. Os creados apagaram as luzes no andar superior e voltaram para o rez do chão, emquanto Ellen Dundee se dirigia novamente para o salão nobre, achando-se só entre os esplendidos e brilhantes espelhos nos quaes se reflectiam as luzes do lustre.

Ellen era bella e sabia bem que por isso era irresistivel. Todos os seus convidados homens e mulheres que tinham assistido á sua festa, lhe haviam prestado homenagem. Seu esposo, depois de Cecil Rhodes, era o homem mais rico de Londres.

Mas Ellen era superior á lisonja.

No momento em que ia retirar-se, ouviu um ruido que a assustou.

Não sabia d'onde esse ruido provinha. Ora lhe parecia vir do jardim, approximando-se do quarto.

Os creados estavam já nos quartos mais afastados. Tudo em volta d'ella estava em trevas, excepto a sala com que se encontrava. Era lhe impossivel distinguir atravez da escuridão que de todos os lados a rodeava fóra das janellas.

Subitamente ouviu-se uma detonação, seguida d'um silencio profundo. Ellen pôz se á escuta.

O ruido que tinha ouvido provinha na realidade d'um dos aposentos superiores, do seu quarto de *toilette*.

Emquanto os convidados se afastavam por um lado, introduzira-se por outro, no jardim, favorecido pe-

la escuridão que ahi reinava, um homem d'ar atrevido e arrogante.

Quem quer que o visse assustar-se-hia com certeza. Era o prototypo do irlandez degenerado pelo alcoolismo e pela brutalidade, sentimentos que n'elle suffocavam os ultimos restos de qualquer sentimento de humanidade.

Os olhos, esgazeados, tinham uma expressão vaga, que se tornava quasi maliciosa quando fitava. Os labios eram desmedidamente grossos, a testa pequena e quasi completamente coberta de cabello ruivo.

Parecia orientar-se facilmente nos differentes compartimentos e conhecer bem a disposição da *villa*.

Parou um momento, escutando. Quando o ruido das vozes se afastou, encostou os pés ao muro do jardim, segurou se com as mãos ao para raios e subiu com uma agilidade que fazia suppôr que fôra em tempos artista acrobata.

Chegado á altura do primeiro andar, novamente escutou durante alguns segundos, suspenso e immovel. Depois de um salto, lançou se pela janella aberta, desapparecendo no primeiro quarto que encontrou.

Tirou do cinto uma lanterna electrica e, illuminando o compartimento poz-se a examinal-o atentamente.

Com um malicioso sorriso olhou para o cofre das joias que a sr.ª Dundee tinha deixado sobre a mesa ao acabar a sua *toilette* da noite. Mas era tão pesado que de modo algum o poderia levar e fugir com elle pela janella.

Depois de ter feito baldamente varias tentativas para o abrir sem fazer ruido, com um pequeno escopro arrombou o precioso cofre.

Embora a sr.ª Dundee ostentasse n'esta noite uma fortuna em brilhantes em cima de si, tinha ficado outro tanto pelo menos no cofre das joias. E o ruido que tinha ouvido quando se encontrava na sala por debaixo do seu quarto de *toilette* era o produzido pelo arrombamento do cofre.

Com uma pressa febril, metteu o criminoso os preciosos brilhantes nas algibeiras, saltou pela janella e voltou sem se trahir pelo mais pequeno ruido, pelo mesmo caminho por onde tinha vindo.

Cinco minutos depois passava pelo mesmo lado do parque, para o qual conduzia uma larga escadaria com porta envidraçada, um mancebo vestido com certa elegancia e a quem difficilmente se podiam distinguir as feições pois que o rosto estava coberto de sangue, comtudo notava se na sua physionomia o typo pronunciadamente americano, que se salientava pela energia do olhar, pela firmeza dos traços physionomicos e pela regularidade das feições.

O joven americano continuou prudentemente o seu caminho, chegando á porta de vidro que conduzia ao salão nobre. Subiu vagarosamente os degraus e encostou o rosto ás vidraças espreitando para dentro. N'um relance viu a sr.ª Dundee, que comprimindo com a mão esquerda, em que tinha o leque, o coração, que palsava desordenadamente, escutava ainda na mesma posição e no mesmo sitio, sem saber se devia ou não chamar os creados.

N'esse momentos ella olhou para a porta de vidro. Viu o rosto manchado de sangue, em que se não distinguiam os traços e uns grandes olhos que a fitavam com fixidez. Com um grito estridente rolou por terra, perdendo os sentidos.

O americano abriu com um violento empurrão a porta e entrou na sala. Precipitou se para a sr.ª Dundee, tentando levantal-a.

Com uma ferocidade, incrivel n'aquelle momento, apoderou-se elle da senhora desmaiada sem se lembrar de que o sangue que tanto o desfigurava estava manchando o vestido claro e o pescoço de neve da sr.ª Dundee.

Ouviam-se passos approximando-se da porta. O americano levantou-se, passou a mão febril pela testa e olhou em redor com um ar desesperado.

A uns dez passos de distancia encontrava-se um biombo. Sem proferir palavra, approximou-se n'um salto e escondeu-se atraz d'elle. Pela porta em frente entrára Tom Dundee, que olhou com um olhar perscutador em volta da sala, deparando se-lhe o corpo inanimado da esposa, cahida por terra.

Premindo com violencia uma campainha electrica, pôz em alarme toda a casa. Depois correu para a desmaiada, e levantando-a do chão deitou-a sobre um dos sumptuosos sofás, e d'uma garrafa proxima lançou-lhe agua fresca nos pulsos e esfregou lhe as fontes com essencias.

Dois criados e uma criada grave chegaram a correr. Mas a sr.ª Dundee já tinha recuperado os sentidos. Levantou-se lentamente e olhou em redor com um olhar vago. Quando viu o esposo junto de si sorriu.

—E's tu, Tom?

— Certamente, pois quem havia de ser? O susto que me metteste não foi pequeno, Ellen. Mas como estás? Donde proveio o sangue que se vê no teu vestido? O que foi?

—Fui atacada. Não... não. Pareceu reflectir, depois calou-se. Um leve rubor lhe tingiu o rosto pallido.

Os olhos do esposo pareciam prestes a saltar de raiva. Uma ruga profunda se lhe cavou entre a nariz e a testa quadrada e saliente; e o queixo já tão pronunciado parecia salientar-se ainda mais. Sem se importar com os creados, que, comprometidos, se tinham collocado atraz d'elle, agarrau brutalmente no braço da esposa.

—Dize: quem foi que esteve aqui? Que tens que esconder-me? Confessa. Quem te atacou, quem se atrevteu?

Interrompendo-se, olhou atentamente em redor.

Uma expressão extranha se via no rosto da bella senhora.

Pondo-lhe uma das mãos no hombro disse, seguindo o olhar do marido:

—Dir-te-hei lá em cima. Não quererás, supponho eu, ter explicações deante dos creados. Podes ter a certeza de que te direi tudo quanto sei Temo que tenha acontecido alguma desgraça. Em todo o caso quem me assustou e me largou por causa de eu desmaiar e da tua rapida intervenção fugiu.

Tom Dundee dirigiu-se aos criados e disse:

—John, Jack, revistem todo o jardim. E de uma vez por todas ordeno o seguinte: Os portões que conduzem ao parque devem ser vigiados nos dias de recepção. Já não estamos seguros na nossa propria casa, apezar dos muros e das grades.

No momento em que Dundee acompanhava a esposa aos seus aposentos no andar superior, muito mais incommodado e nervoso do que apparentava, ouviram-se fortes argoladas no portão principal da casa. Tom Dundee largou o braço da joven senhora e parou, a escutar. Appareceu d'ahi a momentos um criado, dizendo:

—Meu senhor, o inspector de policia, acompanhado de dois agentes, deseja falar lhe.

Tom Dundee endireitou-se. A esposa estremeceu ligeiramente e por um momento pareceu que a coragem a abandonava. Mas, dominando-se, disse:

—Trata-se certamente d'algum assumpto importante, Tom. Eu vou para os meus aposentos.

Elle acquiesceu com um signal de cabeça. Mas, no mesmo instante, pareceu mudar de opinião, e rapidamente, quasi com violencia, respondeu:

—Não, deixa-te estar. Não sabemos do que se trata. Em todo o caso será bom, se...

E, interrompendo-se, disse para o criado:

—Manda entrar o sr. inspector.

O criado sahiu, voltando d'ahi a momentos, acompanhado por um individuo vestido á paisana.

—Peço-lhe mil desculpas, sr. Dundee, por vir incommodál-o a esta hora avançada da noite, ou antes, a esta hora matutina. Mas acontecimentos inesperados, e por signal bem tristes, obrigam-me a vir aqui, no exercicio das minhas funcções.

Tom Dundee retrocedeu alguns passos.

—O que foi que aconteceu, sr. inspector?

—Lord Chesbourn foi assassinado. O seu cadaver está a dez passos do seu jardim, n'um fosso que corre ao longo da estrada.

O inspector de policia pronunciou estas palavras no tom habitual dos homens do seu officio, e ficou admirado ao ver o effeito que a noticia produziu na sr.ª Dundee, a qual soltou um grito lancinante e occultou o rosto com as mãos.

Tom Dundee deitou um olhar furtivo á esposa.

—Assassinado? perguntou elle devagar. Tem a certeza d'isso, sr. inspector?

—Tanta como de estar agora na sua presença, sr. Dundee. Mataram n'o com uma facada vibrada por traz e que lhe atravessou a nuca. Levantámol-o e vimos distinctamente que nem tres minutos tinha de vida. Mas, quando lhe perguntei quem fôra que commettera o crime, comprehendeu me ainda. Abriu a bocca varias vezes, fazendo tentativas para falar, mas não poude articular palavra. Um dos meus agentes revistára entretanto o chão em volta, mas não encontrou o mais pequeno vestigio. No seu ultimo momento levantou o moribundo o braço e apontou para a sua «villa», sr. Dundee. Um segundo depois cahia inanimado para sempre. Mandei transportar o cadaver para Londres.

—E como soube que era lord Chesbourn? perguntou Tom Dundee.

—Pelos papeis que trazia nos bolsos. De resto, eu conhecia-o pessoalmente. Foi um dos seus convidados esta noite, não é assim?

— Sim, e eu proprio o acompanhei até á rua. Como é que elle foi parar á estrada, é para mim um enigma.

—A essa pergunta responder-se ha mais tarde, sr. Dundee. Por emquanto o meu dever leva-me a revistar a sua casa. Embora isso lhe seja desagradavel, peço-lhe que me desculpe, mas são ordens e o meu officio obriga-me a isso. Se o criminoso se dirigiu para aqui, foi certamente com intenção de se esconder na «villa». Já pedi reforço na estação proxima, que avisei por telephone, e creio que dentro em pouco estará todo o parque, assim como o jardim, completamente cercado pelos agentes. Entretanto, peço lhe o favor de me acompanhar na revista que vou passar.

Tom Dundee encolheu os hombros, fazendo ao mesmo tempo um signal com a mão.

—A minha casa está inteiramente ao seu dispôr, sr. inspector. Lord Chesbourn era um dos meus amigos pessoaes, e se puder concorrer para que se apodere do miseravel que matou tão infamemente tão valente e estimado fidalgo, conte comigo. Quer começar por esta sala?

O inspector acenou affirmativamente, voltou-se e soltou um pequeno assobio. Ouvindo este signal, entraram dois agentes na sala.

—O reforço já chegou? perguntou o inspector.

—Sim, senhor, respondeu um dos agentes. A casa, o parque e o jardim estão cercados, de tal maneira que ninguem pode escapar-se.

—Começamos então por esta sala. Revistem minuciosamente cada movel e cada canto. Os aposentos revistados serão fechados á chave.

Os agentes, levando a mão á pala do capacete, começaram a revistar a sala.

A sr.ª Dundee, que até alli tinha escutado com a

immobilidade d'uma estatua as palavras do inspector, começou a agitar-se nervosamente, e avançando para o funccionario policial, disse-lhe com viva excitação, estado que as ultimas ordens do inspector não justificavam:

—Isso não serve de nada, sr. inspector! Asseguro-lhe que só eu estava na sala no momento em que os convidados sahiram da minha casa.

—Não duvido d'isso, minha senhora, respondeu o inspector com a maior deferencia, mas lastimo não poder tomar só meias medidas. Permitte-me que lhe pergunte d'onde veem as manchas de sangue no seu vestido?

A sr.ª Dundee estremeceu. Nem ella nem o marido se lembravam já d'essas manchas, nem do acontecimento que a ellas se ligava.

O inspector olhou para o sr. Dundee com ar interrogativo. Mas este encolheu os hombros e dirigiu-se á esposa:

— Parece-me melhor, Ellen, não me compromette-res, nem te prejudicares sériamente a ti mesma. Sê rasoavel e dize o que aqui se passou. Foste atacada, não é assim?

Ella acenou com a cabeça.

—Um homem manchado de sangue atacou-a?

Ella acenou novamente.

O inspector continuou:

—Sim, isso está bem claro, pois que se vêem as dedadas no vestido. Deram-me na vista logo que entrei e não duvido nem um só momento de que estamos muito proximos do assassino.

Mal tinha acabado de proferir estas palavras, o biombo cahiu de repente no chão, apparecendo o mancebo que se refugiára atraz d'elle. E antes que os presentes podessem refazer se do susto:

—Commetti a imprudencia de abraçar esta senhora, disse elle com uma firmeza que a todos causou admiração no primeiro momento, mas não o fiz com mas intenções, pois que a sr.ª Dundee perdeu logo os sentidos quando me avistou Tentei-leval-a para um sophá, afim de que ella recuperasse os sentidos.

Os agentes collocaram-se ao lado do mancebo.

O inspector de policia perguntou com um tom severo:

—Quem é o senhor?

O interrogado hesitou um momento e pareceu reflectir na resposta que devia dar.

—Lembro lhe que torna peior a sua situação dando-me indicações falsas. accrescentou o inspector com ar carrancudo. A'manhã saberemos ao certo de quem se trata.

—Pode sabel-o já, respondeu o mancebo com ar orgulhoso. O meu nome é James Fairhatter, addido da legação americana Eis o meu passaporte e os meus documentos de identidade.

Tirou a carteira do bolso, entregando os seus documentos ao inspector, que os examinou com olhar prescrutador e, tornando-se mais cortez, levou a mão á pala do «bonnet», cumprimentando.

—Vejo que o seu nome é o verdadeiro, sr. Fairhatter, mas tenho duas perguntas a fazer lhe: porque se escondeu atraz do biombo, e o que foi que lhe aconteceu para estar completamente salpicado de sangue?

O mancebo baixou os olhos.

—O sangue provém d'um encontro que tive com um homem que me é completamente desconhecido, e como não queria apparecer em casa n'este estado, fugi para aqui e escondi-me.

—Para poder ir ámanhã, á luz do dia, com menos incommodos, até Londres, não é assim? retorquiu o inspector zombando e n'um tom ironico Julga talvez, sr. Fairhatter, enganar-me com taes contos para creanças Não lhe parece mais prudente confessar a verdade?

—Não tenho nada que confessar, inspector.

—Parece-me bem, sr. Fairhatter, que até na America não causaria espanto o senhor ser preso n'uma conjunctura como esta. Está preso em nome da lei.

O addido cambaleou.

—Levem n'o! ordenou o inspector, o qual, dirigindo-se depois á sr.ª Dundee e seu esposo, disse:

—Estou satisfeito por que caso tão desagradavel tenha tido solução tão rapida, e posso poupar-lhes mais incommodos. A's suas ordens.

Quando Dundee se encontrou de novo a sós com a esposa, approximou-se d'ella de punhos cerrados e, rangendo os dentes:

—Se tens amor á vida, Ellen. dize a verdade! Sabias que este homem estava escondido atraz do biombo?

A extrema pallidez que se via no rosto da joven senhora cedeu a uma côr ligeiramente rosada e os olhos mostravam o seu brilho habitual.

Endireitou se e fitou o esposo com ar de desdem.

— Terias feito melhor em te vingares em outras pessoas e não em mim, Tom! Não queiras offender-me. A primeira vez que vi este homem foi hoje, na nossa festa.

Dito isto, sahiu da sala, retirando-se para os seus aposentos.

Tom Dundee não fez um gesto, não disse uma palavra.

CAPITULO II

Surprezas

Uma carruagem parou diante d'um soberbo palacete de Stepney. Sherlock Holmes, chamado por Gordon, subia a escadaria. No primeiro andar veiu o inspector de policia ao seu encontro.

—Uma historia verdadeiramente enigmatica, sr. Holmes! A cidade de Londres é um verdadeiro pandemonio. Já não me lembro de quando dormisse uma noite. Hontem prendemos o sr. Fairhatter, hoje apparece sua irmã morta.

Sherlock Holmes, seguido de Harry, entrou no quarto de cama da americana. O cadaver estava sobre uma cama larga, com almofadas de seda. Os dois agentes, que já estavam no quarto, não arredavam o olhar d'elle.

E na realidade, se não estivesse a certidão d'obito em cima da meza, jurar se hia que a assassinada estava viva e que apenas dormia. A farta cabelleira, de um loiro dourado, circumdava em largas ondas aquelle rosto pequenino e fino, cahindo sobre uns hombros adoraveis meio escondidos pela camisa de noite.

Sherlock Holmes olhou para o cadaver e disse:

—A infeliz foi estrangulada.

O inspector Gordon fez um signal affirmativo.

—Essa é tambem a minha opinião, sr. Holmes. Comtudo, o coroner (1) não tem a certeza, porque não existe nenhuma prova. Diz que, se se tratasse de um crime, se encontrariam vestigios mais evidentes.

—Não foi estrangulada com as mãos, mas sim com um pequeno cordel, volveu o genial policia mostrando um vinco estreito e quasi imperceptivel em volta do pescoço, que só se notava fitando o com attenção. De resto, está aqui o cordel, continuou elle, levantando o tapete e tirando de debaixo d'elle um fino cordel de seda. Permitta me, sr. Gordon, que considere como meu este boccado de seda.

Ficou silencioso. Os seus olhos penetrantes descobriram duas manchas de sangue sobre a coberta de seda. O inspector seguiu o olhar de Holmes.

—Admira se, sr. Holmes? Não o teria incommodado se soubesse de qualquer maneira explicar a proveniencia d'estas manchas de sangue Mas não acha extraordinario? Esta desventurada joven é estrangulada e, além d'isso, encontram-se manchas de sangue na coberta da sua cama.

—Proveem d'uma mão, talvez, disse Holmes dirigindo-se a Harry a meia voz Supponho que o criminoso se feriu na mão quando entrou no quarto pela janella aberta.

Ficou um momento immovel, emquanto os dois homens olhavam para elle attentamente.

De repente, estendeu a mão, pegou na coberta e apanhou um objecto brilhante, occulto quasi entre as suas dobras.

—Tem olhos de lynce, sr. Holmes! exclamou o inspector. Nós não descobrimos coisa alguma. A pedra era certamente propriedade da assassinada.

—Não me parece, retorquiu o genial policia.

—Dá um valor especial a este achado? perguntou o inspector com incredulidade.

—Mais do que julga, inspector, respondeu Holmes, entregando a pedra a Harry para que a guardasse.

Depois começou a revistar a seu modo todo o quarto.

Finalmente, approximou-se da janella, olhando durante muito tempo para fóra e escutando o canto d'um melro no jardim.

Harry foi para o seu lado, emquanto o inspector redigia um extenso auto.

—Agora sei exactamente quaes são as medidas que o senhor tenciona adoptar primeiro, disse Harry Taxon, de repente.

—Alegrar me-hia muito, meu rapaz, se tivesses adivinhado.

—Ainda não sei tudo por completo, respondeu Harry, atrapalhado. Mas sigo as suas indicações. O senhor disse me, no caminho para aqui, que entre a prisão do addido e o assassinio de sua irmã, havia uma certa relação. Como o addido está innocente...

—Como? disse o genial policia. Andas depressa, meu rapaz!

—Mas o sr. Holmes encarregou-se da causa do addido!

—Não de todo. Sómente examino o caso, que tanto mais me interessa visto que tomo parte na sorte do mancebo, que conheço pessoalmente. Hesitarei tão pouco em provar a sua culpabilidade como em demonstrar a sua innocencia, conforme me fôr possivel fazer e conforme os factos se me apresentarem.

— Bem. sr. Holmes. Mas, suppondo que elle está innocente, não encontro explicação para o facto do assassinio de sua irmã. O senhor mesmo disse que ella tinha um affecto extraordinario pelo irmão. Por conseguinte, se alguem tinha interesse em que o addido ficasse preso e mesmo fosse condemnado como assassino de lord Chesbourn, devia esse alguem tambem lembrar-se de que a irmã do addido, sua unica parenta, se serviria de todos os meios para encontrar o culpado e por isso tratou de a inutilisar. Temos que procurar o assassino da joven n'aquelle que commetteu o crime contra lord Chesbourn.

Sherlock Homes estendeu a mão ao seu joven discipulo.

—Expressaste os meus proprios pensamentos, Harry, e provaste que vaes entrando, pouco a pouco, na minha logica. Agora vae depressa para casa e prepara tudo para uma excursão nocturna!

—Muito bem, sr. Holmes, disse Harry, obedecendo.

Passadas cinco horas, isto é, quando já era quasi

(1) Official de justiça que preside ao corpo de delicto.

crepusculo, voltou o criminalista para casa. Pôz a pedra preciosa em cima da meza, deixando a reluzir ao brilho intenso da luz electrica.

—Parece vir cançado, sr. Holmes, disse o discipulo. Aposto em como foi visitar todos os joalheiros de Londres!

—Não todos, mas quasi todos. Só me serviam os maiores. A pedra foi encastoada ha dois mezes, pouco mais ou menos, no joalheiro Harrisson & C.ª, na City.

—Ah! E sabe já a quem pertence?

—A esposa do rei dos diamantes, Ellen Dundee, já a pôz algumas vezes.

Harry, admiradissimo, deixou-se cahir n'uma poltrona.

—A sr.ª Dundee... usou esta pedra. Como entrou ella na habitação da americana?

—Eis uma pergunta que naturalmente me occorreu ao espirito logo que o soube, respondeu Holmes, rindo. Por isso fui a Horncey tomar informações seguras sobre se a sr.ª Dundee sahiu de sua casa desde as tres da madrugada até ás dez horas da manhã.

—E...

—Pude verificar, sem que possam subsistir duvidas a esse respeito, que não deu um passo fóra de casa. E soube até que só se levantára de tarde.

—N'esse caso torna-se o caso ainda mais enigmatico!...

—Não acho. De resto vae sendo tempo que nos entreguemos á tarefa mais precisa. O palacete de Lord Chesbourn fica em Newington. Temos pois que andar bastante.

O genial policia levantou-se, metteu o revolver no bolso e sahiu seguido do discipulo, para quem a visita nocturna a Lord Chesbourn e o fim d'ella representavam um verdadeiro enygma.

Fizeram a maior parte do percurso em automovel.

—Tirei esta tarde informações sobre o assassinado Lord Chesbourn,—disse Sherlock Holmes a Harry durante o trajecto. O seu comportamento deixava muito a desejar. Embora se tivesse casado ha dois annos com uma mulher encantadora, conservou-se sempre o mesmo immoralão, fraco que lhe ficara de solteiro.

«Ha muito que se receava que fosse um dia victima d'alguma vingança.

—Suppõe tal coisa, sr. Holmes?

O genial policia encolheu os hombros.

—Podes calcular que não fiquei ocioso e de braços cruzados esta tarde. Não se passou uma hora que não descobrisse o joalheiro que lhe encastoou o anel achado em casa de Feshatter.

«Depois indaguei e convenci-me de que a sr.ª Dundee tinha passado a noite em sua casa. Em seguida xaminei de perto o cadaver de Lord Chesbourn. O olpe mortal foi dado com um instrumento cujo feitio o po sso comprehender. Deve ter sido uma lamina com o feitio de meia lua, semelhante a uma d'essas foices de que se servem os ceifeiros para cortar a herva. D'outro modo não se pode explicar a ferida redonda que cortou o pescoço todo em volta.

Sherlock Holmes mandou parar o automovel e desceu. Os dois homens approximaram-se com passos apressados d'um grande edificio apalaçado. Sherlock Holmes parou e olhou prudentemente em volta. Não sentindo ruido algum, nem vendo viv'alma nas proximidades metteu Holmes a chave falsa na fechadura da grade que rodeava o parque.

Mas antes que a chave pudesse abrir o portão, abriu-se este como que por encanto.

—Coisa estranha! disse Sherlock Holmes de si para comsigo, abanando a cabeça.

Elle e Harry atravessaram a densa escuridão que espalhavam as altas arvores, e dentro em pouco chegaram á porta principal da casa. O policia abriu-a com facilidade e na sua frente encontrou uma escada que subiu vagarosamente nas pontas dos pés, e que conduzia ao primeiro andar.

Chegado ao patamar, parou e contou as portas.

—E' a terceira,—disse Sherlock Holmes devagarinho, contando da esquerda.

Aproximou-se duma grande porta de carvalho, magnifica obra de talha, que abriu sem o menor ruido. A' luz da lanterna eletrica viu Harry um escritorio luxuosamente mobilado. Em frente da porta estava uma grande secretaria forte e elegante, atrás da qual se erguia um soberbo busto.

Pendurado na parede via-se um grande quadro e do outro lado uma enorme estante de livros. O chão estava coberto com um magnifico tapete da Persia, que abafava todo e qualquer ruido dos passos.

Holmes dirigiu-se sem hesitar para a secretaria, pôz a lanterna de maneira que a luz lhe illuminava as mãos, metteu a chave falsa na fechadura e abriu-a.

Mexeu e remexeu durante algum tempo entre os papeis, mas parecia não ter achado o que desejava porque fechou rapidamente a gaveta e abriu uma outra. Deteve se durante algum tempo na leitura de varias cartas. Harry estava a um canto. Pareceu-lhe de repente ter ouvido mexer qualquer coisa na parede da frente e que estava envolta numa escuridão completa. A lanterna electrica illuminava só dum lado Harry escutava atentamente. Uma sombra fugitiva, um ruido, um assobio, depois zuniram os vidros da janella.

Harry, n'um salto, estava ao pé do mestre, que n'um movimento rapido se levantou e voltou a luz da lanterna de modo a illuminar o lado opposto. Appareceu um homem com um arco na mão, uma setta na corda do arco e prestes a disparal-a. O ruido e o zunido das vidraças fôra causado por uma setta que pouco antes tinha sido despedida contra o grande criminalista mas que atravessára a janella e lhe passára rente da cabeça.

No momento em que o estranho se viu iluminado pelos raios da lanterna eletrica deixou cair o arco e a seta, tirou da algibeira um revolver e apontou-o ao genial policia, que se precipitou sobre elle, empurrando lhe a mão que segurava a arma.

Ouviu-se uma detonação. O homem virou-se rapidamente, dando um estridente assobio. Harry, correndo em socorro do mestre, sentiu-se subitamente agarrado e deitado por terra. Com força herculea lutou contra dois homens que de rastos se introduziram do quarto contiguo, atacando-o cobardemente. Mas as forças dos que o denominavam eram superiores ás d'elle.

Os agressores agarraram-no subjugando-o e algemando o finalmente.

Depois deitaram-lhe um lenço pela cabeça e arrastaram-no, passando pelo quarto contiguo, até á escada. De fóra vieram os criados do lord ao encontro d'eles. Os lustres de luz electrica na escadaria foram accêsos mas os dois bandidos que levavam Harry de rastos dispararam successivamente meia duzia de tiros, e os criados, banhados em sangue rolavam pelo chão.

Entre o criminalista e o atirador d'arco travara-se uma lucta medonha, tanto mais temivel visto serem os dois homens quasi egualmente fortes e valentes.

Nenhum podia fazer uso das armas Holmes cravava como fortissimos ganchos de ferro os dedos ao pescoço do inimigo.

Através da noite ouviu-se um grito terrivel, quebrando o silencio sepulcral que se seguira aos tiros disparados pelos bandidos.

Repetiu-se mais uma vez, depois outra, acabando finalmente num gemido doloroso. Este grito, que atravessára o coração do criminalista, fê-lo esquecêr por um momento a necessaria prudencia. Escutou, os seus dêdos que seguravam com violencia o pescoço do adversario alargaram-se por um momento, e d'esse momento serviu-se o criminoso para se levantar de novo. Holmes tambem se pôz em pé com a maior rapidez, mas os braços, nervosamente estendidos, encontraram em vez do inimigo o vacuo

Ao longo da janela viu Holmes uma sombra por alguns momentos, depois cercaram-no um silencio absoluto e trevas impenetraveis.

Não perdeu mais tempo á procura do fugitivo. O grito horrivel que havia pouco lhe chegára aos ouvidos vinha do andar superior. Uma mulher gritára por socorro e Sherlock Holmes seguiu na direcção d'esse grito.

A escadaria encontrava-se de novo ás escuras. Tropeçou nos cadaveres dos creados e segurando se ás apalpadelas ao corrimão, subiu e entrou no quarto d'onde vinham distintamente os gemidos.

Era o quarto de cama de Lady Chesbourm. A mão de Sherlock Holmes procurava o botão eletrico. N'esse momento soou um detonação. Holmes sentiu uma dôr fortissima no hombro; comtudo teve ainda força sufficiente para carregar no botão. Uma onda de luz illuminava o quarto.

Uma figura embuçada passou deante d'elle com a rapidez do relampago, desapparecendo na escuridão da escadaria, antes que elle a pudesse agarrar.

Um segredo horrendo pairava sobre a casa de lord Chesbourm. Em dois andares da casa perpetravam-se crimes hediondos, ao tempo em que Sherlock Holmes estava presente Os criminosos fugiram.

Mas onde estaria Harry?

Emquanto Holmes assim pensava, chegou-lhe aos ouvidos um penetrante grito de soccorro, solto pelo seu discipulo. Vinha de longe e fôra logo suffocado. Evidentemente tinham-lhe posto uma mordaça na bôcca. Sherlock Holmes, não se importando com mais coisa alguma, desceu a escada a correr e dirigiu-se para o parque. D'algures veiu outro tiro. O criminalista viu uma figura clara, fugindo ao longo do muro. Agarrou a, pegou-lhe por um manto branco, mas no momento em que os seus braços enlaçavam o fugitivo, erguia se atraz d'elle, escondida na herva, uma figura alta e espadauda. Sentia-se zunir no ar um grosso varapau, cahindo com tal força na cabeça do genial policia, que este rolou sem sentidos por terra.

O criminoso tirou do cinturão uma enorme faca e inclinando se sobre o criminalista desmaiado preparou-se para lhe cortar as guélas. Mas n'esse momento ouviu se um assobio e meia duzia de agentes de policia entraram no jardim. Os tiros e o barulho desusado haviam-lhes chamado a atenção.

O bandido deixou cair a faca ao avista-los e fugiu praguejando.

Os agentes da policia apenas encontraram o corpo inanimado de Sherlock Holmes, o qual segurava com força nervosa um trapo branco na mão direita.

CAPITULO III

Em India Docks

Sherlock Holmes estava no seu quarto de trabalho, com a cabeça amarrada.

—Bem, o peor está vencido,—disse o inspector Mac Gordon que durante tres semanas tinha vindo todos os dias vê-lo e informar-se do seu estado e que estava n'aquelle momento assentado na sua frente.

—Ainda não ha noticias de Harry?—perguntou o criminalista.

O inspector abanou a cabeça negativamente.

—Não, sr. Holmes. Como pode calcular, o Lordmayor pôz Londres inteiro em movimento, quando soube que o seu discipulo cahira nas mãos dos bandidos. Mas apezar de tudo não foi possivel encontrar o mais pequeno indicio. Não deve, porém, perder o animo, sr. Holmes, pois em estando restabelecido esclarecerá este caso tão complicado. Quando conta poder sahir novamente?

—O mais tardar d'aqui a oito dias—respondeu o interrogado segurando a cabeça amarrada entre as mãos.

O inspector despediu-se e sahiu.

Apenas elle tinha deixado a habitação, Sherlock Holmes começou a vestir-se. Não era facil tarefa essa, pois a cabeça, gravemente ferida, ainda lhe doia violentamente. Mas a energia dominou a fraqueza physica.

Depois de ter acabado de se vestir, chamou o criado, que appareceu immediatamente, ficando parado á porta n'uma attitude respeitosa como a d'um soldado.

—James, o meu almoço!

O criado sahiu e passado cinco minutos voltou com uma bandeja, na qual trazia uma chavena de chocolate e alguns pãesinhos. Depois poz tudo em cima da meza.

—V. ex.ª manda mais alguma coisa?

Sherlock Holmes parou deante d'elle e, esfregando as mãos de contente, perguntou, rindo:

—Porque me tratas sempre por Ex.ª, James?

—Estou habituado, porque tenho até aqui servido amos que assim o exigiam.

—Ah! Onde serviste ultimamente?

—Em casa do sr. Smith, em Nova-York.

—Está bem. Podes retirar-te.

—Queria pôr primeiro o quarto um pouco em ordem, senhor.

Sherlock Holmes sentou-se á sua secretaria parecendo estar a escrever. De subito aos labios afloroulhe um sorriso.

James tirara d'um armario, que continha remedios, um pequeno frasco e, lançando um olhar furtivo para Sherlock Holmes, deitou, com a rapidez do raio, algumas gotas no chocolate, collocando depois o frasquinho de novo no seu logar; depois retomando a atitude costumada, disse com ar respeitoso:

—V. Ex.ª, manda mais alguma coisa?

O genial policia, virando se para elle, examinou-o d'alto a baixo, dizendo com um sorriso:

—Obrigado, James, não preciso mais nada.

O criado sahiu.

—Tem bellas intenções a meu respeito—não haia duvida—murmurou Holmes.—Deitou-me acido cyanico no chocolate.

N'um espelho observára todos os movimentos do criado. Em seguida deitou o chocolate fóra e comeu apenas os pães. Feito isso, sahiu, entrou n'um café e leu os jornaes.

Passado pouco tempo dirigiu-se ao gabinete do chefe da policia, o qual ficou radiante ao vêr o criminalista em magnifica disposição.

—Quer-me parecer que o senhor faz mais do que pode sahindo já á rua

—Para mim, é indifferente o estar na rua ou em casa. Em toda a parte estou seguro e em toda a parte exposto ao perigo.

—Quer que a mande acompanhar por alguns agentes. Recebemos ultimamente varios avisos anonymos communicando-nos existir o plano d'um monstruoso attentado contra o senhor.

Sherlock Holmes riu-se, com aquelle riso banacheirão que lhe era peculiar.

—Sim? Mas essa gente sempre é muito amavel, avisar-nos anteriormente! Vim aqui por causa d'um assumpto muito differente.

—Diga, sr. Holmes.

—Nada soube ácerca de um roubo de brilhantes no valor d'um milhão?

—Não, sr. Holmes, nada sei de tal roubo.

—Pois n'esse caso são certas as minhas suspeitas. estou na pista!

O criminalisto levantou-se mais resoluto que nunca e apertou a mão do chefe da policia.

—Na verdade não ha meio de acabar comsigo, sr. Holmes, disse este estupefacto. Já tem novo assumpto a tratar.

—E' sempre a velha historia, meu caro amigo. Não acha estranho que após um roubo tão importante de tão grande valor, e feito n'uma casa fidalga de Londres não haja nenhuma queixa a tal respeito?

—Sim, certamente é para estranhar!

Tambem acho isso extraordinario. Até á vista, meu caro chefe.

Holmes sahiu de Scotland Yard e voltou para casa. Passou ahi o resto da tarde, folheando livros volumosos e grossos, nos quaes se viam recortados milhares de recortes de jornaes.

Eram nove horas pouco mais ou menos quando James entrou.

—Posso arrajar a cama, meu senhor?

—Podes, mas avia-te!

Apenas o criado tinha sahido do quarto, entrou Sherlock Holmes Em frente da cama havia uma pequena janella dando communicação com o quarto contiguo.

Estava apparentemente fechada, mas quando o criminalista lhe mexeu embora levemente, abriu-se.

Encolhendo os hombros, como quem comprehendia a armadilha fechou a pequena janella, e approximou se d'uma grande mala que estava a um canto do quarto, d'onde tirou um qualquer objecto.

Feito isto apagou a luz. Passára-se perto d'uma hora. O movimento nas ruas cessára pouco a pouco e James parecia ter-se ido deitar.

Subitamente ouviram-se passos vagarosos, um cauteloso arrastar de pés no corredor. Sherlock Holmes á escuta e sentado a um canto, levantou a cabeça. A janelita em frente abrira se sem o menor ruido. Uma fraca luz illuminara o aposento. Depois introduziram o cano d'uma espingarda, apontando para a cama.

Em seguida uma detonação.

Ouviram-se passos que se affastavam lentamente do corredor. Sherlock Holmes abriu a porta devagarinho e sahiu.

O quarto de James estava claramente illuminado. Approximou se e surgiu rapidamente á entrada da porta. James acabava d'encostar a espingarda a um canto quando de repente apercebeu a sombra da alta figura de Sherlock Holmes, entrando no quarto. Olhou para a porta, deu um grande grito e cambaleou.

—E' o sr. Holmes?

—Sim, sou eu mesmo. De resto, acertaste bem, James, pois que a cabeça de cera que meti na cama para te servir de alvo, está completamente despedaçada.

James cahiu de joelhos.

—Misericordia, sr. Holmes, misericordia! exclamava elle, tremendo como varas verdes

Sherlock Holmes approximára-se d'elle. Na phisionomia ordinariamente calma notava-se-lhe uma expressão de colera. Agarrou o criado e violentamente fêl-o pôr em pé.

—Confessa, miseravel. Fostes alugado e pago para me matares?

—Sim: Vou confessar tudo, mas tenha compaixão de mim! não me mate!

Holmes poz-lhe as mãos nos hombros, fazendo-o cahir de joelhos, fitando o com um olhar frio e expressivo.

—Fôste alugado por aquelles que querem dar cabo de mim e de Harry Taxon? Exijo de ti uma confissão completa e sem reserva. Comprehendes o que quero dizer? Lembra te bem de que tão pouco me podes enganar como me pudeste matar. Conheço a maior parte do plano d'aqualles a cujo serviço estás. A primeira mentira em que te apanhar, entrego-te á policia. Sabes bem qual é o castigo d um assassinio duplo:

Tens pela certa dez annos de trabalhos forçados.

—E se confessar tudo, sr. Holmes, o que m'acontece? Dar-me hão a liberdade?

—Isso é commigo. Não tens nada que perguntar, tens sómente que responder.

—Pois pergunte, sr. Holmes.

—Quem te mandou aqui?

—Bill Ruivo.

—Quem é esse sujeito?

—O senhor não o conhece? Elle frequenta diariamente a taberna do «Cavallo Branco» em Poplar.

—E' ahi que moram os trabalhadores da doca, retorquiu Sherlock Holmes. Onde é essa espelunca do «Cavallo Branco»? nunca em tal auvi fallar.

—Para as outras pessoas chama-se ella «Arvore Verde», mas foi batisada com outro nome pelos seus frequentadorés. Está situada no centro do East Dock Road.

—E o «Bill Ruivo» é o freguez principal d'essa espelunca? Em que se occupa elle?

Não m'o pergunte, sr. Holmes! Trabalhava antigamente n'umas minas africanas!

A physionomia de Sherlock Holmes illuminou-se repentinamente.

Ah! disse comsigo. D'ahi vem o teu conhecimento! Bem, estas informações bastam. Nada mais te contaram?

—Não, senhor.

Mentes!

Não, sr. Holmes, digo a verdade. «Bill-o-Ruivo» encontra facilmente ajudantes. Toda a gente o conhece em Whitechapel.

—Quanto valia a minha cabeça? Que quantia te davam pela minha morte.

—Nem por isso era muito. Tive que obedecer pois que «Bill-o-Ruivo» tinha um poder illimitado no bairro dos criminosos.

O criminalista largou o creado.

—Está bem, vaes acompanhar me.

A onde, sr. Holmes?

—Ao «Cavalo Branco.»

A physionomia do criminoso contrahiu-se e tomou uma expressão de terror.

—Exija tudo de mim, quanto quizer, menos isso. Matar-nos-hão, ao senhor e a mim! O senhor desconhece a audacia de tal gente. Dar-me-hiam morte horrorosa se advinhassem que os trahi.

—Cala-te! disse Sherlock Holmes com voz trovejante. Farás o que te mando! Vamos ao «Cavalo Branco», comprehendestes?

O criminoso encolheu-se cheio de medo e tremendo.

—Obedeço sr. Holmes.

Sherlock Holmes sahiu do quarto em que James se encontrava e, fechando de lado de fóra a porta á chave, dirigiu-se para o quarto de *toilete*. Tirando a grande de caixa de tintas, poz se em frente do espelho e arranjou um disfarce tão completo e excelente como só elle seria capaz de o fazer no que era eximio.

Finalmente escolheu um casaco velho. Vestindo-o, parecia exactamente um vendedor ambulante. Contemplando-se ao espelho, assegurava a si mesmo que nem o olhar mais perspicaz daria pelo engano. Depois de novo exame deante do espelho, pôz um chapeu d'abas largas sobre a ligadura que ainda tinha na cabeça, pintou a cara de vermelho escuro entremeada de riscos claros. Uma farta barba negra lhe cobria as faces e

uma caixa cheia de bugigangas completava o disfarce de vendedor ambulante, typo conhecido nas espeluncas suspeitas. Depois sahiu e foi abrir a porta do quarto onde James estava encerrado.

Tirou o revolver do bolso e mostrando-o ao criminoso:

—Ao primeiro movimento que me fizer suspeitar da tua traição, dar te-hei um tiro na cabeça. Parece-me que ouviste já bastante fallar em mim para saberes que não sou homem para simples ameaças. Comprehendes?

—Sim, sr. Holmes.

—Adeante pois! Leva-me á espelunca do «Cavalo Branco».

A taberna do «Cavalo Branco» ficava exactamente em frente dos East Indian Docks. Havia n'esse bairro uma velha casa suspeita e de má fama, pertencente antigamente ao capitão d'um vapor do Tamisa, mas encontrava-se deshabitada desde certo acontecimento mysterioso, vulgar com Whitechapel, Stepney, Poplar e visinhanças.

Entrando pelo lado da rua no pateo sujo e cheio de imundices, chegava-se, atravessando este, á parte trazeira da casa, a uma escada estreita e desconjuntada que conduzia á *cave* da espelunca com todos os caracteristicos de taes restaurantes subterraneos, frequentados pela escumalha da população.

A uma mesa comprida que occupava a maior parte da casa, estavam abancados uns seis ou sete individuos com caras patibulares e d'ar atrevido; tres d'elles eram moços de bordo, que eram os que davam maior contigente dos frequentadores de Pat Bulver, o temido taberneiro do «Cavalo Branco».

Sherlock Holmes e James tinham acabado d'entrar por uma porta carunchosa e ferrugenta, descendo para um compartimento saturado de fumo de tabaco, de cheiro de comidas, de bafuradas d'agua-ardente. A' cabeceira da mesa via-se um homem de expressão embrutecida, quasi feroz, que chamou principalmente a attenção dos recem-chegados. Os cabelos ruivos que lhe cobriam quasi a metade da testa tinham-lhe valido a alcunha de «Bill-o-Ruivo». Devia ter tido havia pouco uma lucta violenta, pois o seu rosto conservava ainda os signaes de agressão. Varios vergões da côr de sangue lhe atravessavam as faces e uma das mãos estava envolvida n'uma ligadura manchada de sangue. Quando a porta se abrira calou se de repente, interrompendo a conversa com os seus companheiros e olhando de soslaio atravez das sobrancelhas carregadas e fartas para os recem-chegados.

O'lé, eis Nick! exclamou, fazendo um signal aos camaradas. Não se lembram de Nick, que durante tres annos esteve á sombra?

E levantando os copos d'agua-ardente, gritando todos:

—Viva Nick! Com todos os diabos, que fizestes para estares assim tão tirado das canellas? Julgar-se-hia que és um lord!

—A honra cabe-me, a mim! disse «Bill o-Ruivo» com orgulho. Eu é que lhe ensinei o officio!

O falso James e o vendedor ambulante approximaram-se.

Bill-o-Ruivo gritou:

—Mas que franganote trazes ahi comtigo, homem? Vê lá não seja algum *fidalguinho*. E' dos nossos?

Sherlock Holmes sentou-se, deixando-se cair com todo o pezo n'um banco, piscou os olhos avermelhados e disse:

—Então, parece-me que bem vêem que não sou nenhum *bufo*.

—Mas podes ser um espião, exclamou Bill-o-Ruivo, olhando para Nick com um olhar ameaçador e interrogativo ao mesmo tempo.

O criminalista que se sentára ao pé d'aquelle disse em voz baixa:

A' primeira palavra que disseres contra mim estás perdido.

Obedecendo a essa intimação respondeu Nick:

Podes estar completamente descansado, Bill. Izaack é um velho ladrão de gados e acha mais prudente por isso affastar-se dos *bufos*,

—Eh lá seu taberneiro, venha de lá um extra forte para Nich. E agora, meu rapaz, conta lá como tens passado.

Dizendo isto inclinou-se e, muito chegado a Nick, perguntou-lhe em voz baixa:

—O tal cão está morto?

Nick deitou um olhar assustado a Sherlock Holmes, porque não sabia que responder, embora não lhe restasse duvida alguma sobre a pessoa a que Bill o-Ruivo chamava «cão». Bill notando o olhar de Nick, interpretou-o mal. Pondo os punhos fechados debaixo do nariz do vendedor, gritou com voz rouca ao mesmo tempo que uma baforada de agua-ardente chegava ás narinas do genial policia.

—E' preciso que saibas, meu cigano arrebentado, que se tu tentas espionar-nos, te darei um valente soco na cachimonia, tão valente que te passará para sempre o vicio de impingir aos outros as tuas mercadorias.

Com um movimento comico aparentando grande medo e horror, o criminalista levantou os braços e clamou:

—Porque me ameaças? Para que queria ser espião se não venho para outra coisa senão para fazer algum negociosinho? Que me importam a mim os segredos que os senhores teem entre si?

Dito isto, virou costas a Bill-o-Ruivo, fingindo ligar importancia apenas a uma garrafa d'agua-ardente que o taberneiro tinha collocado na sua frente.

Mas, na realidade, todo elle era ouvidos para que não lhe escapasse a mais insignificante palavra.

Nick, á ultima palavra de Bill respondeu:

—Se eu soubesse que qualidade de homem elle era, não acceitava com tanta facilidade a tarefa!

—Estás doido! disse Bill-o-Ruivo! Mas, dize lá, finalmente, rapaz: elle já está a fazer tijolo ou não?

E dizendo isto, olhava com expressão ameaçadora para o seu cumplice.

Nick empallideceu respondendo baixinho:

—Acabei com elle!

Bill jubiloso, esfregando as mãos soltou um berro medonho que fez com que todos levantassem a cabeça a fim de vêr o que era.

—Bill-o-Ruivo endoideceu! disse um dentre elles.

Este de repente, mettendo as mãos crispadas no bolso e collocando-se, d'um salto, de pernas abertas no meio da espelunca:

—Quem disse isso? Foste tu, Jack? Ha muito tempo já que não experimentavas as minhas mãos! Bem sabes que as tenho boas. Mas não nos havemos de zangar! Rapazes, que lhes parece este Nick? E' de respeito, de se lhe tirar o chapéo, rapazes. E quem não lh'o tirar, ensinar lh'o-hei eu! Sabem o que Nick fez? Olá tasqueiro, venha mais um extra-forte para Nick! Viva Nick! Nick deu cabo do nosso maior perseguidor! Nick mandou Sherlock Holmes para as profundas do inferno! Sherlock Holmes é ..

«E serviu-se d'um termo que nem aos animaes se applica. Nick olhou assustado para o vendedor ambulante, mas este nem tugia nem mugia.

A noticia que Bill acabára de communicar provocou um enthusiasmo indiscriptivel. Todos tocaram nos copos, deitaram mezas e cadeiras para o chão quebrando copos e garrafas, o que o taberneiro censurava em altos gritos e imprecações.

No meio dos vivas dados pelos bandidos, que julgavam estar livres de vez do seu maior e mais temido adversario, Bill exclamou:

—E' o velho judeu? Tu não contas comnosco, diabo? Não ouviste porque são os vivas por Nick? Põe-te já em pé e dá um viva a Nick!

Sherlock Holmes levantou-se com todo o vagar e olhando para Nick com indifferença disse em tom não menos indifferente:

—Pois que viva Nick! Porque não havia elle de viver? Cá por mim que viva tantos annos como Abrahão.

Emquanto os outros desataram a rir a bandeiras despregadas, inclinou-se o criminalista sobre a meza e disse tão baixinho que só Bill-o-Ruivo o pudesse comprehender.

—Então, Bill, não havemos de fazer o nosso negociosinho?

Bill olhou de soslaio para o falso judeu e com ar desconfiado respondeu:

—Comigo não fazes tu negocio, velho judeu.

Sherlock Holmes tirou uma grande bolsa repleta de moedas d'ouro, pachorrentamente da algibeira, apalpou-a com os dedos durante alguns momentos, mettendo-a em seguida outra vez na algibeira.

—Bem, como quizeres, Bill. Julguei que chegariamos a um acordo. Talvez tivesses alguns coraes ou outras pedrasitas! Isso vende-se difficilmente. O que o velho Isaak gosta de comprar são predasitas bonitas! D'isso gosta muito! Os olhos de Bill reluziam, tornando se subitamente muito grandes e fitando com avidez o bolso onde Sherlock Holmes escondêra a bolsa. Ficou silencioso durante um momento, depois achegou-se muito do velho vendedor:

—Lá por ter, tenho, murmurou elle. Se não me intrujares faremos uma negociata com pedras preciosas:

—Eu intrujar? exclamou o falso vendedor. Por Jehovah que não encontras em Londres homem mais honrado do que eu e se encontrares pódes enforcar-me! Mas deixa vêr as pedrasinhas!

—Quanto pagas, Judeu? perguntou Bill, mettendo as mãos na algibeira.

O vendedor ambulante encolheu os hombros.

—E' conforme. Venho prevenido com uma boa somasita. Mas deixa-me vêr as pedrinhas.

Bill-o-Ruivo metteu, hesitando, as mãos na algibeira, mostrando ao vendedor, por debaixo da mesa, uma mão cheia de brilhantes, cujo valor elle muito bem avaliava, visto que já tinha trabalhado, segundo a asserção de Nick, nas minas de diamantes:

—Nunca poderás vender estas pedras em Londres, homem, disse o falso vendedor. Mas nós havemos de fazer um negociosinho. Dou-te cem libras por ellas.

Ao ouvir tal offerta, metteu Bill immediatamente as pedras na algibeira, dando um tal soco em cima da meza que até os copos tilintaram.

—O que é que me queres dar? Cem libras? Nem um só te dou por esse preço! As pedras valem pelo menos trinta mil libras- E metto-te debaixo da meza se te atreves outra vez a passar-me assim um attestado de parvo. Julgas que isto é negocio de patacos?

Durante mais de meia hora continuou a conversa entre Bill-o-Ruivo e o vendedor ambulante e sempre n'este tom. Finalmente chegaram a acordo. O vendedor comprou a Bill quatro brilhantes representando um valor de oito mil libras. Deu por elles duzentas libras.

Bill-o-Ruivo sabia muito bem o que estava fazendo e que o judeu arranjára um negocio mais que lucrativo, mas não havia meio de se livrar dos brilhantes, de os vender fosse a quem fosse sem o risco de chamar sobre si as suspeitas da policia e de ser preso. Sherlock Holmes metteu os brilhantes na algibeira. Conseguira o que desejava. Entretanto dirigia-se Bill a um espadaudo arraes, de ar sombrio, que, sentado a um canto, bebia copos d'agua-ardente uns atraz d'outros. Bill tocou-lhe no copo, dizendo:

—Mat, tenho trabalho para ti.

O arraes olhou sem responder piscando os olhos para Bill-o Ruivo a quem toda aquella cafila de bandidos considerava seu chefe supremo.

—Olha para aquelle judeu, Mat, continuou Bill, deu-me duzentas libras e ainda traz comsigo as suas trezentas.

O arraes espreguiçou os membros d'athleta, levantou vagarosamente a pesada cabeça. Tinha um rosto de bull dog cheio de cicatrizes. Olhou durante bastante tempo para o vendedor ambulante, que contava debaixo da mesa com um sorriso avido o resto do dinheiro. Uma *naifada* e acaba-se com o rebentado judeu. E nem é preciso tirar o resto da minha algibeira.

Bill-o-Ruivo fez um acceno affirmativo.

—Metade é para mim, Nat.

—Está dito, disse o arraes com a mesma pachorra, sem se mexer.

Bill foi sentar se novamente junto de Nick, que, cheio de medo, bebia copos d'agua-ardente uns atraz dos outros.

Com a cabeça em fogo e os olhos injectados de sangue, pouco a pouco voltou-lhe a coragem e apoderou-se d'elle uma raiva cega contra Sherlock Holmes, que, no meio dos seus companheiros, o tinha seguro.

Deitou um olhar de soslaio para o vendedor ambulante.

—Havemos de ajustar contas, Holmes, murmurou elle por entre dentes.

N'esse momento chegou Bill.

—Que cara que estás a fazer, Nick ! Quem visse dizia que enguliste um pacote de pregos. Tenho um bom trabalho para ti,

—Está bem, disse Nick, rabujento, explica-te !

—Dundee encarregou-me d'um trabalho que não gosto de fazer. Deixo o para ti.

Nick estremeceu.

—Não falles tão alto, Bill. Não vês que o vendedor ambulante ouve tudo ?

Bill fez um movimento com a mão como de quem se não importava com isso.

—Julgas que sou algum parvo, Nick ?

Baixou a voz e disse n'um tom quasi imperceptivel:

—Este *gajo* não morre de velho, Nick. Lembra-te que foi Bill-o-Ruivo que t'o disse. Os peixes no Tamisa tambem precisam comer. Encarrego-me d'elle, uma boca muda não trahe ninguem.

Uma alegria de selvagem se apoderou de Nick, porque se Nat matasse o vendedor estava tambem arredado o maior perigo de ser castigado pelos seus companheiros por causa da sua traição.

Nat não advinhava que, assassinando o vendedor, acabaria com Holmes, o temido criminalista.

O alcool que Nick ingerira em grande quantidade produziu effeito.

—Então, á obra, Bill ! De que se trata ? Dundee não é avarento.

Bill teve uma expressão carrancuda.

—Não é avarento, mas ultimamente tem-se feito relaxado. Por isso não me agrada muito a sociedade. Offerece cincoenta libras por uma boa facada. Ora isto não diverte. Tenho dinheiro bastante para que me vá metter em trabalhos escusados.

Nick meneava a cabeça para um lado e para o outro.

—Cincoenta libras são cincoenta libras, Bill. Se é só uma facada vale a pena. E' perigoso ?

—Nada. O negocio está mesmo a calhar para ti. Acabaste com o velho, agora encarrega te do novo. Sabes que Harry Taxon, o maldito, que era sempre a sombra de Holmes, nos cahiu nas unhas. Dundee tem-no por emquanto escondido na villa, mas não lhe agrada tel-o mais tempo. Uma boa facada e atiral-o ao Tamisa é de maior segurança. Vou comtigo a casa de Dundee, visto ter que tratar com elle d'outro negocio. Emquanto eu fallo com elle, vaes ter com o *gajo* e cortas-lhe as guellas. E' a coisa mais simples d'este mundo.

—Está dito.

Bill-o-Ruivo tirou o relogio do bolso.

—Com todos os diabos! Já são duas horas. Dundee tem nos amaldiçoado por ter estado á espera tanto tempo.

Depois metteu a mão na algibeira e atirou ao taberneiro uma nota de banco.

Este, muito torto e de nariz achatado, fê-la desaparecer n'um momento na algibeira.

«—Boas noites, moços, — disse Bill-o-Ruivo para os companheiros.—Amanhã encontrar-nos-hemos na tasca de Salfem Whitechapel. Não é bom a gente juntar-se sempre no mesmo sitio.

Um murmurio de geral assentimento foi a resposta. Bill abriu a porta, que conduzia para o pateo e d'ella directamente para a doca, sahindo juntamente com Nick.

Apenas se fechára a porta atraz d'ele, levantára se Sherlock Holmes, aparentando a maior indiferença, pagou apressadamente a sua conta, pegou na caixa e sahiu pela mesma porta. Uma figura alta e corpulenta seguia atraz d'ele.

Holmes era bastante experiente para saber que caminho havia de tomar. Uma idea só o preocupava: não podia atrazar-se nem um momento. D'uma hora, de uns minutos talvez dependia tudo.

Harry Taxon estava num perigo imminente. Como a hora era adeantada, convenceu-se Sherlock Holmes de que os dois criminosos se dirigiriam com a maior rapidez para a *villa* de Tom Dundee. Já os não

via. Embora se apressasse o mais possivel, levavam-lhe uma deantaira de 5 minutos pelos menos.

Havia muito tempo que o criminalista se não sentia tão nervoso como n'aquelle momento.

Até então não perdêra a esperança de que Harry estivesse ainda vivo. Convencera se d'isso justamente porque os criminosos o tinham levado, calculando que o teriam preso em qualquer parte, para, no caso de se preciso, se servirem d'elle como refem.

Aquelle mizeravel Nick, completamente embriagado não hesitaria um momento em perpetrar o crime.

Apressadamente e impelido pela unica idea de salvar Harry Taxon do grande perigo que corria, ia Sherlock Holmes andando, sem sentir os passos que pesadamente soavam atraz d'elle.

Ao virar d'uma esquina cahiu lhe subitamente uma mão pesada sobre um dos hombros e uma faca luziu no ar.

Qualquer outro estaria perdido se recebesse a pancada violenta que Holmes recebera. Mas Nat não suppunha ter deante de si adversario d'aquelle calibre. O criminalista comprehendeu immediatamente que era victima d'uma cilada. No memento em que o criminoso lhe poisára a mão no hambro, deu uma reviravolta com o corpo, levantou a mão direita e segurou a punho pesado do assassino, que empunhava uma curta faca.

Com a mão esquerda deu um violento soco no estomago de Nat, fasendo com que o espadaudo criminoso cambaleasse para traz.

Ambos estavam n'esse momento na margem da Tamisa n'uma rampa que descia abruptamente para o rio, ouvindo-se distinctamente ò muralhar das suas ondas d'um verde sujo.

A Sherlock Holmes preocupava-o unicamente a idea de salvar Harry. Os minutos que decorriam pareciam-lhe uma eternidade receiando sobretudo o chegar tarde de mais.

Pela primeira vez na sua vida recorreu o afamado criminalista á fuga, com o intuito de não perdêr um segundo. Mas a raiva que se apoderou do corpulento Nat dava-lhe uma agilidade extraordinaria qualidade que habitualmente não tinha.

D'um salto alcançou Holmes, o qual teve novamente de luctar, para se não deixar atacar pelas costas.

A mesma irritação que dominava Nat, brilhava tambem nos olhos do genial policia.

Nat era-lhe superior em força bruta, pois que era um colosso, mas Sherlock Holmes era em todas as situações um lutador e boxador eximio. A sua força duplicou com a ideia de que a minima perda de tempo seria funesta para Harry. Atacou Nat com tal violencia que este não foi capaz de o agarrar. Sherlock Holmes deu-lhe alguns sôcos tão violentos que ao colosso custou a ter-se de pé. Mas tambem o criminalista apanhou um sôco na cabeça com tal violencia que perdeu os sentidos por momentos. Nat tentou enlaçal-o com os seus braços herculeos, mas Sherlock Holmes, empregando todas as suas forças, deu-lhe com a pesada bota um pontapé no estomago fasendo o largar a preza.

As suas mãos desligaram se e esse momento aproveitou-o Sherlock Holmes, apertando com a mão direita e com uma força louca as guelas do agressor. Com um gemido caiu este por terra, Holmes atirou-se com toda a força sobre o vencido, mas n'este momento, perdendo o equilibrio e agarrando se um ao outro rebolaram ambos pela abruta rampa, desapparecendo nas aguas turvas do Tamisa.

CAPITULO IV

Uma catastrophe

A *villa* de Tom Dundee, o rei dos diamantes, estava envolta no silencio da noite. Uma unica luz brilhava n'um dos aposentos do primeiro andar.

N'este aposento estava Tom Dundee sentado, encostando a cabeça ás mãos e olhando fixamente para uma folha de papel na qual se viam alinhados muitos numeros. De subito estremeceu.

No silencio sepulcral que o rodeava ouviram-se distinctamente tres pancadas breves e sacudidas. O millionario pegou n'uma lanterna que estava no chão e descendo a escada dirigiu-se a uma pequena porta trazeira que dava para o parque. Abriu a cautelosamente. Fóra estavam dois homens.

— Somos nós, Tom,—disse Bill-o-Ruivo, emporrando o companheiro para a escuridão do vestibulo.

Tom Dundee fez incidir a luz sobre o rosto de cada um deles e perguntou:

—Quem trazes comtigo, Bill !

—Socega, Tom! E' homem seguro.

O millionario fez um aceno com a cabeça e precedendo os dois homens entrou no seu gabinete de trabalho.

Bill-o-Ruivo sentou-se sem cerimonia numa poltrona e disse:

—Agora já podemos respirar, Tom; Sherlock Holmes foi para diábo, que já o devia esperar ha muito tempo. Apostava em como desde a ocasião em que lhe dei as pauladas no jardim ele nunca mais teve saude. Mas o *gajo* tinha cabeça de ferro.

—Tens a certeza, Bill, de que Sherlock Holmes já não vive?—perguntou Tom Dundee, sobresaltado.

—Não temos nada mais a temer dêle! Não é possivel que elle apareça outra vez de repente! Sabes que este malandro é capaz de tudo, até das coisas mais incriveis!

Nick avançou e disse:

—Pode estar tranquillo, sr. Dundee. Fui eu mesmo que o matei com um tiro esta noite, na cama.

Tom Dundee começou a percorrer a passos largos o gabinete.

—N'este caso tudo vai bem. Não devemos retardar mais o dar cabo do rapaz que ha bastante tempo hospedo em minha casa. Bill, trata disso.

—Eu, não, Tom. O meu companheiro fal-o-ha por mim.

Paga-lhe o combinado.

Tom Dundeec fraziu as sobranbrnias.

—Antes queria que tivesse tratado disso!

—Mas eu não quero!—gritou Bill, que estava ebrio.

Tom Dundee, assustado, tapou-lhe a boca.

—Cala-te, Bill, ou pelo menos não grites assim. Queres chamar a atenção da criadagem?

—Que tenho eu com a criadagem? gritou Bill.—Paga-me primeiro o que me deves, ou já te não lembras do que me prometeste pelo ultimo trabalho.

De punhos fechados e dentes cerrados, olhou Tom Dundee para o seu cumplice.

—Não podes esperar? Não sabes pelos jornaes que a industria dos diamantes fraquejou? E de resto, como te atreves a ter novas exigencias! Temos que falar muito a serio, Bill. Tu não me julgas certamente tão estupido que acreditasse que fosse outro quem roubou os brilhantes de minha mulher?! Reconheci-te perfeitamente na maneira de praticar o roubo. Já chegaste a ponto de não hesitares em roubar o teu melhor amigo. Exigo que me restituas immediatamente o que me pertence.

Bill levantou-se e poisando os punhos cerrados em cima da cadeira alçou o corpo.

—Estás doido, Tom! Então exiges que te torne a dár o fruto do meu trabalho? Não sei porque havia de ter acanhamento em tornar o rico rei dos diamantes mais pobre em umas vinte mil libras, pois podes bem passar sem elas.

—Não, não posso passar sem elas—clamou Tom, esquecendo a cautela que havia pouco recomendara a Bill.—Não te disse que já não sou tão rico como o mundo julga? Torna-me a dar o que me pertence, digo-te eu, se não arrepender-te-has!

Bill recuou alguns passos enquanto os olhos lhe reluziam maliciosamente.

—Olá! atreves te então a ameaçar-me? Foi um simples acaso teres mais sorte do que eu quando trabalhavamos juntos nos campos dos diamantes. Não cavámos nós juntos na mesma mina? Pois, Tom Dundee, estás certamente enganado se julgas poder fallar comigo n'esse tom! Farei o que melhor me convenha!

—E eu entregar-te-hei ás autoridades, gritou o rei dos diamantes fóra de si e cheia de raiva.

Bill tornou-se livido, não de medo mas de raiva.

—O quê? Então atreves-te a ameaçar-me com a policia? Pois não faças cerimonias! A' vontade! Sempre quero vêr o que diz a policia quando eu contar algumas das tuas aventuras. Ora eu sei algumas lindas façanhas de que és o heroe.

—Tu estás doido! Ninguem dará credito ás affirmações d'um velhaco como tu. Ninguem se atreverá a atacar Tom Dundee!

—Olha que esperteza! Primeiro contarei á policia de que maneira adquiriste a fortuna, Esqueces-te que ainda hoje, apezar de já teram passado vinte annos se anda a indagar o paradeiro de Jem Vanderbild, o proprietario da mina numero 17? Queres que conte como se deu o desapparecimento repentino de Gem Vanderbild e como tu achaste diamantes do tamanho de avelãs! Bem me lembro do sitio onde o enterrastes quando te surprehendi. E desde alli data a nossa amizade, que até hoje consistiu em prestarmo nos serviços reciprocamente não é assim Tom?

O rei dos diamantes caira n'uma cadeira, encostando o rosto livido á mão direita. Com um olhar raivoso, cujo brilho parecia iluminar a escuridão do aposento fitou Bill. A sua physionomia mudou d'expressão. Sem levantar os olhos, estendeu a mão ao cumplice, dizendo:

—Pois bem, esqueçamos o que está feito. O que não tem remedio, remedeado está. E's um homem difficil de contentar. Mas tratemos da ultima questão com socego... Anda d'ahi comigo para este quarto visinho. O que puder dispensar de dinheiro dar-l'o-hei.

Bill metteu as mãos ainda crispadas na algibeira e olhou com ar de triumpho para Nick. Depois entrou no quarto contiguo.

Tom Duncee ficou um pouco atraz de Bill e entregando a Nick uma grande chave:

—Desce depressa a escada, até á porta larga da *cave*. E' esta a chave, não ha outra. Fecha bem a porto atraz de ti, para que ninguem te possa escutar. Tens que dar cabo do rapaz que está lá algemado, e isso em menos de dez minutos. Apresenta-te amanhã de manhã no meu escritorio e reconpensar-te-hei principescamente.

Nick pegou na chave e sahiu do gabinete.

Não era só o simples desejo de matar que o fez descer tão apressadamente para a *cave*.

—Gostava de lhe vêr a cara quando elle estiver deante do cadaver do discipulo, murmurou para comsigo e abrindo a porta da *cave* começou a descer uma escada escura. Agora está nas minhas mãos mais que uma vida humana. Has de lembrar-te do teu criado, Sherlock Holmes! Não é bom arranjar mais inimigos quando já se está cercados d'elles como a rapoza na toca.

Continuando a fallar baixinho fechou cuidadosamente a porta á chave e desceu a escada.

Harry Taxon, amarrado de pés e mãos, jazia no chão humido e ao sentir abrir a porta olhou.

Nick fez incidir a luz sobre o seu rosto. As faces tinham se-lhe empallidecido e haviam se cavado. O ebrio deu uma gargalhada e disse em tom de troça:

— Então, Harry Taxon, que tal lhe parece isto? Conhece me? Ah! com todos os diabos, esquecime de me apresentar O meu nome é Nick, por alcunha o *Faca de mato*. Era d'antes caçador e sou ainda entendedor no oficio de caça.

A embriaguez fazia-lhe disparates, palavras selvagens e sem nexo.

Tirando do bolso do casaco uma grande faca de lamina muito comprida, mostrou-a a Harry, que a olhou horrorisado.

—Você conhece isto, Harry Taxon? Eis uma faca de mato. Quanta caça não matei já com ella! Todos os animaes tinham a mesma cara de pavor. Tal e qual como você, Harry Taxon! E' uma satisfação ser-se caçador quando se sabe do oficio.

E apalpando-lhe com os dedos a nuca, continuou:

«Olha, aqui é que deve entrar a arma, para o matar depressa. Ha-de concordar comigo em que sou um homem decente, se não martyrisal-o-hia ainda um pouco. Mas o tempo urge. Não se sabe o que pode acontecer. Quer ainda alguns minutos de espera para encomendar a alma ao diabo?

Riu-se das suas palavras, que achava muito espirituosas. Um funebre echo se sentiu na aboboda immensa. Harry Taxon não respondeu, Em vão fazia esforços desesperados, como, de resto, fizera todos os dias das semanas interminaveis de captiveiro para alargar as cordas que lhe feriam os pulsos e os tornozelos. Eram porém, baldados esses esforços; as cordas não davam de si. Tinha que entregar-se, indefezo e sem resistencia, nas mãos do brutal criminoso.

Este, com o relogio na mão contava os segundos. Aparentemente sentia prazer em assistir ao pavor da agonia da sua victima.

—São horas, disse elle, vamos acabar com isto.

Agarrou Harry Taxon pelos cabelos, deixou-lhe a cabeça no chão, levantou a faca de mato, para a enterrar com toda a força na nuca do desventurado.

Mas antes que a arma mortifera pudesse attingir o alvo ouviu-se um tiro, repetindo-se um echo da detonação pela aboboda da *cave*.

Um segundo mais tarde e Harry Taxon estava morto!

Nick, soltando um grito de dôr, cambaleou para traz. Um jacto de sangue quente inundou Harry, que, possuido d'um terror louco, olhou para a unica fresta da *cave*, d'onde partira um relampago.

Na estreita fresta gradeada, por onde apenas cabia uma mão, appareceu o rosto livido do grande criminalista. Inclinou a cabeça para a grade, mas, no mesmo momento, desappareceu. Nick agarrou com a mão esquerda a lanterna e precipitou se, cambaleando. para a escada, deixando um largo rasto de sangue.

Metteu febrilmente a chave na fechadura da pesada porta de ferro, mas com um grito de raiva cahiu para traz, encostando-se extenuado á parede.

A chave não abria do lado de dentro. Então comprehendeu porque Tom lhe recomendára que fechasse a porta atraz de si. Quiz apanhal o preso dentro da *cave*, depois de ter morto Harry Taxon. Mais uma vez tentou Nick meter a chave, mas a porta não se podia abrir.

Uma negra nuvem de fumo envolveu Harry, entrando por debaixo da porta e avolumando-se cada vez mais.

Fóra da casa ouvia-se um umovimento desusado, o de uma multidão que corria de um lado para o outro, soltando gritos de pavor. Nick ouviu perfeitamente o grito:

—Fogo!

Desesperado e enfraquecido pela perda de sangue, cahiu na escada humida onde foi acomettido d'um desmaio.

Sherlock Holmes chegara no ultimo momento, justamente á hora propicia para impedir o assassinio de Harry Taxon. Quando cahira juntamente com Nat no Tamisa, travou-se entre ambos uma lucta desesperada. Mas o criminalista nem na queda largara o pescoço do inimigo e comquanto este tentasse de todos os modos tornar Sherlock Holmes inoffensivo, por meio d'um golpe bem vibrado, conseguiu este, após uma lucta tremenda no fundo rio, estragulal-o.

Os movimentos de Nat tornaram se cada vez mais lentos, e finalmente conseguiu Sherlock Holmes desenvencilhar-se dos braços rigidos do miseravel e chegar com algum esforço á margem do rio.

Encharcado e quasi se forças, dirigiu se ao primeiro agente de policia que encontrou, e munido d'um bom revolver saltou para um automovel, seguindo n'uma carreira vertiginosa para Hornsey amquanto o inspector Stafford, substituto de Gordon, que tinha adoecido, seguia juntamente com alguns agentes de policia com bycicleta atraz d'elle.

Chegando á *villa* de Fom Dundee, reconheceu logo Sherlock Holmes que a *cave* o sitio mais seguro da casa, devia ser prisão do seu discipulo. Escutando junto do muro, ouviu uma voz que reconheceu ser a do seu discipulo. No momento em que olhava pela pequena fresta, viu Nick, de mão erguida para enterrar a arma homicida na nuca de Harry Taxon.

—Tinha apenas um segundo para apontar. O tiro redemptor partiu, indo a bala salvar Harry Taxon, no ultimo momento d'uma morte certa.

Outro segundo foi gasto em observar o effeito do tiro. Depois de estar convencido de que Nick estava impossibilitado de atacar o indefeso Harry novamente, saltou Sherlock Holmes por uma janella aberta da *villa*. A' luz da sua lanterna electrica foi avançando. De subito, viu-se envolto n'uma grande fumarada. Os

gritos de terror «fogo» esclareceram Sherlock Holmes, indicando-lhe que mão criminosa juntára nova malvadez aos crimes já perpetrados. Em alguns saltos chegou á porta da *cave*. Estava fechada. Precipitadamente desceu a escada com a esperança de encontrar a chave d'essa porta.

No primeiro andar encontrou dois negros gigantescos com a libré do criados de Tom Dundee.

—Cão miseravel, uivou um d'elles, foste tu que deitaste o fogo? Onde está o nosso patrão?

Sherlock Holmes não perdeu tempo com explicações. Empurrou um dos negros e entrou apressadamente no gabinete de trabalho do rei dos diamantes. que estava aberto. O negro levantou se rapidamente, seguindo juntamente com o companheiro o criminalista. Uma bala lhe assobiau junto dos ouvidos. Voltando se para traz, dêu ao que se encontrava mais proximo d'elle um valente socco que o fez cahir por terra. O segundo negro apontou-lhe um revolver, mas Holmes tirou a sua pistola Bronewing e ao primeiro tiro estendeu por terra o aggressor.

Os tiros augmentaram a confusão que se estabelecera entre os restantes criados. Além d'isso já sahiam linguas de fogo pela janellas. Com uma precipitação febril examinava o criminalista a secretaria do rei dos adeantamentos. Depois precipitou-se com desespero para o quarto contiguo, do qual sahia uma enorme nuvem de fogo. Encontrou alli um cadaver. Bill, jasia com o pescoço cortado, sobre o tapete. Largas poças de sangue tingiam o tapete em volta do cadaver. Todo e qualquer soccorro era inutil.

Sherlock Halmes inclinou se sobre o corpo inanimado, fazendo lhe um rapido exame.

Via-se perfeitamente que fôra morto pelas costas qnando se inclinara sobre a mesa. em cima da qual estava ainda grande quantidade de moedas d'ouro. Entrou de fugida em varios aposentos esperando encontrar finalmente o homem que em parte comettera toda esta serie de crimes e em parte os inspirára.

Mas Tom Dundee tinha desapparecido. A fumaceira avolumando-se progressivamente, o calor suffocante e insupportavel que o envolvia, as chammas que em linguas de fogo sahiam pelas janellas chegando até ao tecto lembravam lhe que a salvação de Harry Taxon ainda não estava concluida. Quasi suffocado, curvou-se Sherlock Holmes para fóra da janella cujas vidraças estalavam com o calor excessivo, para aspirar o ar puro.

N'este momento viu uma figura branca, a mesma certamente que atravessára tres semanas antes o jardim da *villa* fugindo atravez do parque claramente illuminado pela casa em chamas. Entravam por todos os lados os agentes do inspecto Stafford.

Sherlock Holmes disparou um tiro para chamar assim a attenção dos policias para a figura branca, que, em saltos desencontrados tentava fugir sem ser vista. O proprio Stafford viu a e perseguiu-a. Apanharam-na e prenderam-na. Entretanto chegaram os bombeiros de Hornsey e iniciaram os trabalhos de salvamento, emquanto os tres maiores automoveis de bombas de Londres se punham a caminho.

Em poucos minutos se deram todos estes acontecimentos. Sherlock Holmes desceu novamente a escadaria para antes de tudo livrar o pobre Harry da prisão. O vestibulo enchia-se já de fumo tão denso que só com difficuldade se distinguiam as pessoas que n'uma corrida vertiginosa o atravessavam como sombras.

No meio do caminho encontrou o inspector Stafford, que penetrára com a sua gente dentro de casa.

—Voltem para traz, para a *cave*, disse Sherlock Holmes em tom de commando.

—Para a cave, replicou Stafford, tossindo ininterruptamente por causa do fuma que lhe entrava para a garganta. O fogo já sahe pelas janellas todas!

O criminalista assustou se.

—Harry Taxon está lá em baixo, gritou elle, os agentes mais fortes que me sigam. Alguem traz comsigo dynamite ou nytroglycerina?

—Nem pensar n'isso é bom, sr. Holmes, respondeu Stafford, que, seguido de tres gigantescos policias, foi, apesar de continuar a tossir, atraz de Holmes.

Tinham chegado á porta de ferro. Em vão se atirava Sherlock Holmes com toda a força contra ella. Rangia nos gonzos, mas não cedia.

Os policiaes tambem tentaram abalál a, mas era mais facil fazer cahir um muro do que arrombar aquella macissa porta de ferro.

Sherlock Holmes tirou a sua pistola Browing.

Aos revolvers, rapazes! Daremos uma duzia de tiros contra a fechadura e veremos se continua a resistir. Vamos! Fogo!

Julgar se-hia que se dera uma exolosão tal era o barulho infernal que causavam as balas ao entrar na fechadura. Mas conseguiu se o fim desejado Quando Sherlock Holmes se atirou novamente d'encontro á porta cahiu a pesada fechadura por terra. Holmes desceu apressadamente a escada que conduzia á *cave*. Sem parar atravessou por entre o fogo, e o fumo.

Harry tinha algumas leves queimaduras. Quando o fogo se propagara á *cave* arrastou-se para um canto abrigado, esperando a todo o momento a chegada do seu salvador.

—Sr. Holmes, está aqui um homem cahido! exclamou o inspector Stafford, que tropeçara n'um cadaver.

O criminalista não respondeu, pois a unica coisa com que se preoccupava era com Harry. Depois cortou as cordas que amarravam o corpo do seu discipulo.

Mas este não padia dar um unico passo sem ajuda. Sherlock Holmes pôl-o aos hombros e levou-o para cima.

Olhou de fugida para o homem que, rigido, com os fatos queimados, e sangrando d'uma ferida, jazia estendido na escada.

—E' Nick, o meu creado, disse o genial policia. Reconhece-o, sr. Stafford?

Este inclinou se sobre o cadaver.

—Mas, com todos os diabos, sr. Holmes, como veiu elle para aqui? Quem seria que o feriu assim? Metteram-lhe uma bala exactamente na arteria.

—Castiguei a mão que por tres vezes tentou traiçoeiramente contra a vida alheia, respondeu Holmes.

—E' então outro criminoso? murmurou o inspector Stafford. Esvaiu-se em sangue, encarregando-se as chammas de completar o castigo.

Era impossivel permanecer por mais tempo na casa incendiada, Cahia já o tecto d'um dos aposentos do primeiro andar com um estrondo medonho. Uma parte da escadaria desabou. Os homens fugiam com o rosto mais ou menos chamuscado para fôra de casa.

Entretanto amanhecèra. O ceu tinha uma côr de purpura devida em parte aos raios de sol nascente, em parte ao reflexo da *villa* incendiada.

No pequeno pavilhão situado no meio do parque estava uma mulher joven e intaressante, vigiada por tres agentes de policia. Embora tivessem cobertas as suas faces d'uma palidez linda, não perdera nem por um momento sequer o dominio sobre si mesma, e olhava para Sherlock Holmes, que se approximava d'ella apressadamente, com aquelle sorriso tentador irresistivel a todos os homens.

Mas o criminalista trazia uma forte couraça para resistir ás settas que aquelles olhos lhe dardejavam.

—Os agentes de policia disseram me que estou presa por sua ordem, sr. Holmes, disse ella emquanto um sorriso encantador lhe brincava nos seus labios. Isso, certamente, é filho d'algum engano! Já nos encontrámos em reuniões, sr. Holmes. e não será certamente tão pouco attencioso que exponha por mais tempo uma mulher sem culpas ao frio d'uma madrugada nubelosa e humida.

—V. Ex.ª está muito bem vestida, embora tivesse no meio da noite que fugir d'uma casa em chammas, replicou Sherlock Holmes fitando-a insistentemente com um olhar investigador, perante o qual ella baixou os olhos.

«Quer-me parecer, continuou elle, que já tinha feito *toilette* antes de alguem dar pelo incendio da *villa*. Concluo pois que seu esposo a avisou a tempo e ainda antes de deitar o fogo.

Ella estremeceu. As faces tornaram-se-lhe ainda mais lividas. Calou se durante um momento, depois levantou as mãos em ar de supplica.

—O que diz, sr. Holmes? Será possivel? Accusa meu marido de incendiario?! Desde hontem á noite que o não tornei a vêr. Oh! Salve-o, sr. Holmes, talvez elle esteja sepultado entre os destroços da Villa.

Sherlock Holmes, voltando-se para os policias, disse friamente:

—Tragam uma cadeira para esta senhora, que está resolvida a representar uma comedia. O interrogatorio será por isso mais demorado do que eu julgava.

Um dos policias poz deante da joven senhora attonita uma cadeira, na qual ella se sentou, muito assustada.

—V. ex.ª traz um lindo manto de sêda, continuou Sherlock Holmes cruzando os braços. Já o trazia uma vez, n'uma occasião analoga.

Ella poz-se a tremer.

—Já o puz muita vez, mas momentaneamente não me lembro da occasião a que se refere, disse ella em voz baixa.

Sherlock Holmes metteu as mãos no bolso e tirou uma amostra do mesmo tecido do manto.

—Conhece este pedaço de sêda? perguntou elle. Confessa que ha tres semanas entrou secretamente na Villa de lord Chesbourm?

Cada palavra que dizia Sherlock Holmes era como um raio que caía em cima da joven senhora a qual se sentia succumbida cada vez mais. Varias vezes tentou protestar, levantando a cabeça altivamente e descerrando os labios lividos, mas contra aquelle olhar frio, inflexivel e penetrante com que o criminalista a fitava, não havia resistencia possivel.

Occultando o rosto nas mãos, desatou n'um chôro convulsivo. N'isto ouviu se um grande estrondo. Uma columna de fogo elevou-se subitamente até ao céo envolta n'uma densa nuvem de fumo e de faúlhas.

A Villa tinha desabado.

A sr.ª Dundee deitou um olhar furtivo para a Villa em chammas, voltando depois novamente o rosto d'uma pallidez espectral para o criminalista.

Ella bem comprehendeu que n'aquelle momento se desmoronava, scintillantemente a casa incendiada, toda a importancia da sua posição social!

—Desejava poder poupar-lhe todos os interrogatorios penosos com o juiz d'istrucção, minha senhora, continuou Sherlock Holmes. Seria bom para si e para nós um trabalho a menos. Por isso aconselho a a confessar sem demora um facto de que tenho provas incontestaveis.

De novo ella olhou para Sherlack Holmes com um olhar seductor. Mais uma vez tentou experimentar a força e o poder da sua belleza sobre aquelle homem que parecia ser de aço e ferro.

Mas tudo foi em vão.

—Odeio-o como á morte, murmurou ella, succumbindo sob o olhar de desprezo do criminalista. Odeio-o pois por que me roubou o unico homem que amei na minha vida.

—Foi então lord Chosbourm o homem que conquistou o seu amor, senhora Dundee?

—Sim, senhor.

—A senhora tinha relações com lord Chesbourm antes de casar, relações que contnuavam ainda quando era esposa do sr. Dundee, não é assim?

Ella córou e olhou espavorida em volta.

—E' tarde de mais para córar minha senhora, disse Sherlock Holmes duramente. Não hesitou em atirar um homem serio e moço para uma prisão e destruir-lhe a sua carreira e todo o seu futuro. Não hesitou em assassinar d'um modo horrendo uma pobre e joven senhora. Não hesitou sequer em se deixar levar pelas suas terriveis paixões. Confessa pois que o addido estava innocente e que foi a senhora que o attrahiu á Villa?

— Confesso, murmursu ella quasi imperceptivelmente.

—O sr. Ferhatter, addido da legação americana, foi preso em sua casa por se suspeitar da sua culpabilidade no assassinato. Uma hora antes tinha sido seu hospede. Por informações seguras, por um exame minucioso da correspondencia do joven, digno de compaixão, soube que elle foi um joguete nas suas mãos. Elle Ferhatter julgava ter encontrado na senhora o seu ideal.

«Tão illudido estava, que voltou depois da festa acabada para uma secreta entrevista comsigo em sua casa. Não o traiu logo e entregando-o comtudo sem mais nem mais nas mãos dos policia. Uma palavra bastava para explicar a presença d'elle em sua casa. Mas essa palavra não a disse, e o mancebo illudido foi nobre de mais para comprometter a sua honra, sr.ª Dundee. E preferiu antes deixar se prender como suspeito d'um assassinato do que ter que confessar que a senhora é uma mulher sem honra.

Vendo que toda a sua arte de seducção não produzira effeito, Ellen Dundee começou a soluçar para provocar a compaixão.

—E' verdade! disse ella, mas não o amava... não gostava d'elle.

—Comtudo agradava á sua vaidade, illudiu esse pobre rapaz tornando-o um escravo sem vontade propria. Nada fez para o salvar, permittindo que seu esposo tentasse pôr-se a salvo por meio d'um outro crime.

Quando Sherlock Holmes começou a falar do esposo, deu um salto como se uma tarantula a mordesse.

—Não sei nada do que fez meu marido, gritou ella, e protesto contra toda a accusação de connivencia nos crimes que meu marido commettera, juro...

—Está-se a cançar com palavras inuteis, sr.ª Dundee, retorquiu Sherlock Holmes. O seu zelo trahe-a. Ainda lhe não perguntei se sabia alguma coisa sobre o crime do seu esposo?

Dito estas palavras, dirigiu-se para Harry Taxon que, sentado no chão, escutava aquelle interrogatorio. Já se sentia com forças de ir até ao automovel, que os levou a Holmes e a elle para casa.

O inspector Straford poisou a mão levemente n'um braço da sr.ª Dundee e disse:

—Em vista da sua confissão está presa em nome da lei!

Só agora é que ella pareceu comprehender. Pondo-se em pé e olhando com expressão feroz em volta, disse:

—Quem falla de confissões? Nunca confessei coisa alguma nem quero confessar nada! Não sei o que deseja de mim.

—O juiz d'istrucção dir-lhe ha isso tudo e os jurados explicar lhe-hão o resto, respondeu o inspector Stafford. Agentes, levem esta senhora debaixo de prisão para o carro e entreguem-na na prisão central.

CAPITULO V

O palacio do Diabo

—Já tratou de me arranjar a fita do espartilho, inspector? disse Sherlock Holmes sentado no sophá do seu aposento, para Stafford, que acabava de entrar.

—Sim, sr. Holmes, respondeu o inspector da policia, dirigindo-se para Harry que enchia o cachimbo do criminalista.

—Já se restabeleceu das consequencias da sua paixão?

—Obrigado, sr. Stafford, já estou bom.

Sherlock Holmes comparára entretanto o cordão de sêda que o inspector da policia lhe tinha dado com um outro que tirou d'uma das gavetas da sua meza.

—Está certo, murmurou elle.

—De que está falando, sr. Holmes? perguntou o inspector da policia. Com mil demonios, este cordão de espartilho parece-se com o que tem na mão como um ovo se parece com outro! Se me não engano é este o cordão com que assassinaram a pobre miss Fairhatter, irmã do addido.

Sherlock Holmes accenou com a cabeça.

—Julga então que a sr.ª Dundee é a assassina de miss Fairhatter, mestre, perguntou Harry Taxon.

O criminalista abanou a cabeça, sem preferir palavra.

—N'este caso não comprehendo a significação do cordão do espartilho, sr. Holmes, disse o inspector Stafford. Tenho que dizer-lhe que o juiz d'instrucção está desesperado. A sr.ª Dundee desdiz tudo quanto confessou e o sr. Blackford que dirige a investigação não se entende n'esta barafunda.

—Deu-lhe os esclarecimentos precisos, inspector? retorquiu Sherlock Holmes. Contar-lhe-hei a origem d'estes acontecimentos mysteriosos. A conducta do addido está já bastante esclarecida, visto a auctoridade judicial o ter posto em liberdade. Volto ao momento em que verdadeiramente comecei a intervir na questão; foi quando me chamaram junto do cadaver de miss Fairhatter. Deve lembrar-se ainda de que ella fôra estrangulada com um cordão de sêda e que appareceram algumas manchas de sangue na coberta da cama. Mas o argumento mais importante é a meu vêr uma pedra preciosa encontrada nas dobras da cama. Facilmente pude averiguar que esta pedra fôra em tempos propriedade do sr. Dundee. As minhas desconfianças recairam primeiro sobre elle, pois da sua vida anterior tive pessimas informações. Mas tambem elle não abandonára a casa n'aquella noite. O joalheiro que encastoára a pedra affirmou-me ser impossivel que a esmeralda caisse por mero acaso. Por conseguinte fôra arrancada. Concluiu pois que o assassino de mis Fairhatter roubára antes d'este crime a esmeralda em casa de Dundee. Era provavel, calculei eu, que elle tivesse lá roubado varias pedras, uma das quaes perdera emquanto estrangulava a infeliz menina.

«Mas ha mais: Porque era que a sr.ª Dundee e seu esposo não se queixaram do roubo das joias á policia? Certamente teriam para isso razões especiaes. Tom Dundee, conhecendo o ladrão, achava mais prudente não o entregar á policia. Como achava Tom Dundee absolutamente capaz de commetter um crime e suspeitando d'elle por causa do assassinio de lord Chesbourn, convenci-me de que o assassino do lord devia ser um cumplice de Dundee. O cordão de seda, que immediatamente reconheci como sendo um cordão de espartilho, avolumaram as minhas suspeitas n'esse sentido, tanto mais que pude constatar que miss Fairhatter não tinha nenhum cordão egual.

—Mas como explica as manchas de sangue, mestre? interrompeu Harry Taxon.

—Dizem absolutamente com a minha explicação, respondeu o genial policia. Fairhatter declarou no acto da prisão que, querendo voltar para a «villa» de Tom Dundee, encontrára fóra, na escuridão do jardim, um homem desconhecido, travando-se entre ambos uma lucta encarniçada. Averiguou-se depois que nenhuma pessoa conhecida sahira áquella hora da «villa». Por conseguinte, foi alguem que alli se introduzira secretamente, sahindo depois do mesmo modo. Não ha, pois, que duvidar que foi o tal ladrão!

«O joven addido encontrou se com elle. O ladrão julgou-se apanhado; o addido julgou ser aquelle, que nem sequer podia distinguir atravez da escuridão, um rival. E assim se travou uma séria lucta. Fairhatter, um boxador eximio, deixou o ladrão em mau estado e cheio de sangue. Quando este assassinou miss Fairhatter, estavam as suas feridas ainda recentes e tinha a mão esquerda, principalmente, n'um estado lastimoso; não é, pois, para admirar que a mão deixasse vestigios de sangue sobre a coberta de seda.

—Tudo isso comprehendo, disse o inspector da policia, pensativo. Mas quem era o homem que matou miss Fairhatter e qual foi o mobil do crime? O senhor falla sempre d'um terceiro criminoso.

—Esse já foi julgado, respondeu Sherlock Holmes. Esse terceiro criminoso não foi senão Bill-o-Ruivo, cumplice de Tom Dundee, com quem trabalhou durante vinte annos nas minas de diamantes. Um acaso inesperado e favoravel proporcionou ao criminoso n'esse mesmo momento a chegada d'um bode expiatorio, quando a policia entrou em sua casa procurando o assassino. Tom Dundee estava resolvido a aproveitar-se da situação e a fazer enforcar o addido no logar d'elle. Para o poder conseguir, devia em primeiro logar ter cuidado em que não houvesse mais ninguem que indagasse o caso em questão; Tom Dundee parecia não temer as investigações policiaes; por isso concebera um novo plano astuciosissimo.

—Quer passar-nos um novo attestado de parvos, interrompeu o inspector de policia, arreliado.

—Não é de mim que se deve queixar, mas antes de Tom Dundee, replicou Sherlock Holmes. Tom Dundee sabia que o addido tinha só uma unica pessoa que dedicadamente se importaria com elle: essa pessoa era a irmã. Só esta temia o criminoso. Chamou Bill-o Ruivo, pediu-lhe que matasse miss Fairhatter, de maneira a não chamar a attenção de ninguem. Depois entregou ao Bill o cordão de seda do espartilho da sua mulher, e este perpetrou, com costumada mestria, o crime ainda na mesma noite.

O criminalista quedou-se, pensativo, deixando subir em espiraes o fumo do seu cachimbo.

Os tres homens ficaram silenciosos durante alguns minutos.

Depois continuou Stafford, que tomára nota de varios esclarecimentos:

—Está, pois, esclarecido mais este ponto. Não ha no mundo, creio eu, outro homem como o senhor, que com tanto talento saiba abrir caminho no meio d'um labyrintho de acontecimentos. Mas vamos ao principal: qual seria o motivo que levou o rei dos diamantes a mandar matar lord Chesbourn?

—Foi essa tambem a primeira pergunta que fiz a mim mesmo, respondeu o genial policia. A vida duvidosa do lord indicou-me a verdadeira pista. Na habitação do assassinado encontrei grande quantidade de cartas de amôr escriptas pela sr.ª Dundee a lord Chesbourn. Juntamente com essas, li algumas cartas anonymas ameaçando-o, que suspeitei, e com razão, serem escriptas por Tom Dundee. E accrescentando que a sr.ª Dundee fôra em solteira cantora d'um café-concerto de New-York, onde conhecera lord Ches-

bourn, ser-lhe-ha facil comprehender os preliminares da historia do assassinio, inspector!

«Agora, uma pequena explicação psychologica do caracter de Tom Dundee. Esse homem tinha uma paixão á qual se subordinavam todas as outras: era o amôr que votava á esposa. E' facto que os homens de caracter sanguinario se tornam nas mãos de mulheres energicas verdadeiros escravos, sem vontade propria. Tom Dundee amava esta mulher, apezar do seu passado duvidoso, até á loucura. Gastou sua fortuna em tres annos de matrimonio, sem que se atrevesse a levantar o menor protesto.

«Sentia que a esposa o não amava, descobrindo a breve trecho que era lord Chesbourn o eleito do seu coração. Quando soube com certeza que o lord reatára as relações com a sr. Dundee, já existentes em New-York, tratou de affastar o seu rival d'uma maneira radical. Attrahiu o lord, com um pretexto qualquer, para a escuridão da estrada, esfaqueando-o com uma navalha, á traição, pelas costas.

—Era a mesma arma que achámos perto do sitio onde o senhor tambem foi atacado com o fim de o matarem? disse o inspector.

—Isso mesmo. Era a navalha com que Bill-o-Ruivo quizera matar-me no jardim de lord Chesbourn, depois de me ter dado uma violenta cacetada. Tom Dundee pediu essa curiosa navalha emprestada ao seu cumplice. E' uma arma que os homens do matto em Africa costumam usar e com a qual cortam a cabeça ao inimigo. Com esse instrumento pouco vulgar, julgou Tom Dundee difficultar-me as investigações sobre o criminoso, mas antes m'as facilitou, pois que reconheci na navalha uma arma africana, revelando-me esse facto a pista do criminoso. Quando visitei a tasca do «Cavallo Branco», vi o meu diagnostico completamente confirmado. Bill-o-Ruivo trazia a mão ferida ao peito. Por meio da astucia, adquiri d'elle uma parte dos brilhantes roubados, o que me convenceu de que realmente elle entrára em casa de Tom Dundee, roubando os brilhantes, e que este se abstivera de fazer queixa á policia.

—E os bandidos chegaram a ponto de mandar um cumplice, que o sr. Holmes ajustou como seu creado? Como poude escapar-se ás ciladas que elle lhe armou? perguntou Stafford. Dormia certamente com os olhos abertos.

O criminalista sorriu-se.

—Não. Logo que ajustei o creado soube quem tinha diante de mim. Bill-o-Ruivo foi realmente esperto em mandar-me o bello e habil Nick. Comtudo, esqueceu-se de que o valente Nick já tinha uma photographia no album dos criminosos, do qual possuia uma bella copia. A breve trecho encontrei o seu retrato.

O inspector Stafford abanava a cabeça com ar sisudo.

—A minha vontade era empunhar uma taça de Champagne e fazer lhe um grande discurso, sr. Holmes. Mas sei infelizmente que não dá apreço nenhum ás homenagens da policia, por isso presto lh'a em silencio.

—Isso é muita amabilidade da sua parte, replicou Sherlock Holmes, piscando os olhos. Mas lembrou-se já de que o passaro maior se nos escapou? As investigações da policia londrina ácerca da desapparecido Tom Dundee já deram algum resultado? Merecera a forca, Deus sabe, já mais de meia duzia de vezes. Tambem arrumou de vez o seu ajudante, Bill o-Ruivo, atacando-o e matando-o pelas costas. Arranjou então um *truc* de primeira ordem. Encarregou Nick de matar Harry, fechando-o na *cave* ao mesmo tempo que incendiou a casa. D'esta maneira esperou Tom Dundee affastar de vez os cumplices do seu crime. E' tempo, pois, de tornar inoffensivo esse Dundee.

O Inspector Staffrod levantou-se altamente indignado, mas a sua indignação tinha o que quer que fosse de comico.

—Isso é facil de dizer sr. Holmes. O senhor está tranquilamente sentado troçando de nós e queixando-se de não encontrarmos o criminoso. Naturalmente nem o diabo sabe onde pára tal sujeito.

Ditas estas palavras, apertou a mão do criminalista e sahiu.

—Julgou-se ofendido, disse Harry Taxon.

—E apesar d'isso não apanha Tam Dundee, respondeu Scherlock Holmes rindo.

Vestindo o casaco de trazer por casa, entrou juntamente com o discipulo para o gabinete contiguo.

—Tens que te transformar n'um lindo moço. Harry, disse Holmes. Não te ha de ser muito dificil. O teu aspeto sofreu um pouco com a tua reclusão. Por isso deves encarecolar o cabelo, pintar as faces com carmim e pores uma pera loura. Deve ficar-te a matar.

Harry Taxon, estupefacto, olhou boquiaberto e sem dizer palavra para o mestre, emquanto este se assentava ao pé do *toilette*, disfarçando se cuidadosamente.

Sherlock Holmes olhou para tráz.

—Avia-te, rapaz, avia-te! Ainda temos muito que fazer.

—Mas não me dirá o quê, mestre?

—Com todos os diabos, Harry, a inteligencia fugiu-te pelos pôros? Não comprehendes que temos que apanhar forçosamente Tam Dundee?

—Ah! Temos que apanhar Tam Dundee e para isso preciso transformar-me n'um dandy?

—Não queiras fingir de esperto, respondeu o genial policia.

Passada meia hora, estavam ambos prontos. O criminalista com trage vulgar e simples parecia um homem dos seus cincoenta annos com pouco cabello, uma barba mais que grisalha o que em nada lhe prejudicava a physionomia energica. Harry Taxon executou á letra as ordens do mestre.

Parecia se na realidade com um d'estes inglezes conhecidos pelo nome de *dandy* além das fronteiras da sua patria.

O criminalista contemplou-o com verdadeiro prazer.

—Has de impressiona-la por força; é impossivel reconhecer-te.

—Mas quem é que eu devo impressionar, mestre?

—Não advinhas! A sr.ª Dundee!

—Mas se ella está presa!

—Vamos livra-la.

Harry não sabia que responder. Abanando a cabeça, disse finalmente:

—Então ella está inocente?

—Nem por sombras! Durante estes dois dias de prisão não se converteu ella, com certeza.

—E apezar d'isso quer livral a da prisão, mestre? Realmente quer livra-la? Com a liberdade de poder ir para onde quizer sem a mandar seguir por agentes?

—Só tu a acompanharás. Dar-te-hei bastante dinheiro para que possas ir até New-York ou até a fim do mundo se necessario fôr. Lembra-te do teu papel de enamorado.

—Mas eu não estou enamorado!

—Mas fingirás que o estás...

—Que estou apaixonado pela sr.ª Dundee? E fujo com ella?

—Exactamente.

—E depois? O que acontece?

—Depois, Tam Dundee é preso! Ainda não comprehendes onde quero chegar? Parece-me que não precisamos de mais provas, pois a maior paixão de Tam Dundee é esta mulher. Amanhã ha de ler em todos os jornaes que a prisioneira foi solta e que fugiu. Deves suppôr que Tam Dundee e sua mulher teem um sitio em Londres onde com certeza se encontrem. Em todo o caso não duvido nem um só momento que Tam Dundee saberá encontrar a esposa. Assim conseguimos sem mais trabalho que elle nos caia nas mãos. Achas o meu plano bom?

Um grande enthusiasmo parecia ter-se apoderado de Harry. Bateu com a mão na côxa, o que era n'elle a manifestação de maior contentamento.

—E' excelente, mestre! O Inspector Staffard ficará com a cara á banda quando vir o trabalho feito! Mas peço-lhe que me dê mais algumas instrucções, sr. Holmes!

—E' muito simples, replicou o mestre. Temos que proceder com muita esperteza, porque embora a policia esteja bem informada a meu respeito não conseguirei nem pelo ministro da justiça que ella seja solta. Os empregados agarrados aos estupidos parágrphaos e prescrições, parecem mais viver na Edade Media do que no seculo XIX e nunca tal permitiam. Já hontem preparei a fuga corrompendo um dos guardas da prisão de mulheres, conseguindo que elle se desse por doente. Hoje tenciono apresentar-me na direcção das prisões, munido de duas condecorações da guerra hispano-americana e um maço de esplendidas cartas de recomendação, todas falsificadas é claro. Esta noite apareço á prisioneira, cuja cella abrirei e que fica do lado esquerdo da prisão. Finjo-me teu criado, contando-lhe que te apaixonaste de tal fórma pelos seus lindos olhos que estás resolvido, embora com risco da propria vida e á custa dos maiores sacrificios monetarios, a livrar a bela prisioneira londrina. Quando ella estiver convenientemente preparada, leva-la has no automovel em que préviamente ficas á espera d'ella.

«Deixar-lhe-has a escolha do logar de refugio avisando me immediatamente pelo telegrapho ou por um proprio, onde fixaram provisoriamente residencia. Seguirei a tempo com alguns agentes para o local indicado para apanhar Tom Dundee, que aparecerá ali com toda a certeza.

—E' excelente! exclamou Harry. Que bela aventura! O criminalista pôz-lhe a mão n'um dos hombros.

—Mas vou recommendar te uma coisa Harry. Sê prudente. Se te mandasse haver-te com um homem, nada diria; mas aqui trata-se d'uma mulher e d'uma mulher de qualidades physicas extraordinarias e que é capaz da peor das acções.

—Esteja descançado, mestre, ha de ficar contente commigo!

—Pois bem. Então, vamos!

Emquanto Harry Taxon fazia ainda algumas compras passeando pela cidade, para experimentar os effeitos do seu disfarce, foi Sherlock Holmes bem succedido na primeira parte do seu plano. Em consequencia das excelentes recomendações que apresentou conseguiu ser admitido pela direcção das prisões como guarda.

Preparou tudo para dar fuga á sr.ª Dundee durante a noite, o que era facil para elle visto que a prisioneira estava n'uma das céllas do subterraneo. Quando Scherlock Holmes rendeu, ás duas horas da, noite o terceiro guarda, intruduziu-se no corredor em que ficava a cella da criminosa, abriu-a e entrou.

Ella assustou-se, mas em poucas palavras comunicou-lhe o nosso guarda o fim da sua visita, que era livral-a. Ella pôs o manto nos hombros e seguiu sem dizer palavra atraz do guarda. Ao chegar ao pateo, atacou Scherlock Holmes o guarda, metteu-lhe uma mordaça na bôca e amarrou-o de modo ele não poder dar alarme.

A fuga correu ás mil maravilhas e antes de ninguem notar coisa alguma abriu Scherlock Holmes o grande portão do pateo. Fóra, na rua, esperava Harry Taxon, com o falso nome de Lord Brumbey n'um meamovel de que o *chauffeur* era creado dedicado do ouritnalista.

Harry Taxon offereceu cavalheirosamente o seu braço á joven senhora. Ella acceitou com um leve grito de jubilo e desappareceu dentro do vehiculo.

Este partiu n'uma carreira vertiginosa, emquanto se dava o alarme na prisão central.

O guarda da prisão riu-se e desappareceu na escuridão.

Chegado a casa, envergou outro fato esperando a primeira noticia de Harry Taxon para ir prender Tom Dundee com meia duzia de agentes escolhidos.

O dia seguinte passou-se sem que recebesse noticia alguma. Sentia já uma certa inquietação pela sorte do seu discipulo quando chegou um rapazito com a seguinte carta:

«Habitamos uma pequena Villa em Stamfford-Hill. Caro sr. Holmes, não duvido nem um só momento de que tenha caido n'um grande erro. Esta mulher não é criminosa! Um mysterio terrivel paira e pesa sobre ella, uma fatalidade funesta pôl-a n'uma situação que apparentemente depõe contra ella, acasos infelizes encadeiam-se para envolverem esta bella e bôa senhora n'uma rêde, entregando-a quasi á morte.

«Se a conhecesse, sr. Holmes, estaria de accordo comigo. Ella é a mulher mais bella que jámais existiu no mundo. A sua alma é crystalina, tudo quanto ella diz é a transparente e pura verdade. Os antigos gregos veneral-a-iam esta excellente creatura como uma deusa. Para mim é mais do que isso. Espero poder falar-lhe brevemente para o convencer. Até ahi creia-me seu dedicado discipulo

Harry Taxon.

«Great Wasten Road» «Stamford Hill»

Sherlock Holmes amarrotou o papel e atirou-o para um canto. Na primeira impressão veio-lhe uma dura e violenta blasphemia aos labios. Mas depois sentou-se e desatou a rir de tal maneira que o inspector Staford que já por quatro vezes batera em vão á porta, entrou subitamente e ficou espantado parado á porta.

—Sabe a ultima novidade, sr. Holmes? A sr.ª Dundee fugiu. Um maldito guarda abriu-lhe a porta. Mas porque está a rir? Acha isso muito comico?

—Sim, sr. Staford, muito comico. Sabe quem foi esse maldito guarda?

—Se eu o soubesse cortava lhe o pescoço.

—Veja o que diz inspector! Fui eu mesmo.

—O senhor! O senhor estará...

—Doido, quer dizer, não é? Espero que não! De resto, chegou na melhor das occasiões. Tem que dirigir-se immediatamente a Stamford Hill com alguns valentes agentes para poupar a Harry Taxon um grande incommodo.

—Harry? Está em Ttamford Hill? Para fazer o quê? Para procurar o quê.

—A sr.ª Dundee!

—Com todos os diabos! Já não percebo nada! Quer fazer me o favor de me explicar como tudo isso se deu?

Sherlock expoz então ao inspector o seu plano e como este até ahi tivera bom exito.

—Mas agora leia esta carta, inspector, disse concluida a sua explicação.

O inspector leu com toda a attenção, depois abanou pensativo a cabeça.

—Ah! já comprehendo! Mandou Harry Taxon para junto da sr.ª Dundee para que elle a vigie e lhe envie as necessarias informações. Mas o senhor devia prevêr que uma mulher infernal como essa illudiria facilmente o seu joven discipulo. Ella apanhou-o nos seus laços e elle está loucamente apaixonado por ella. Basta a comparação que ellef az d'ella com uma deusa para sabermos tudo. Isso é muito comico e divertido, sr. Holmes! Mas a sua idéa é divertida. Quando vamos a Stemford Hill?

—Immediatamente, inspector. Receio na verdade que a situação de Harry não seja tão divertida como julga. Os policias que nos acompanham não podem ir fardados. A casa da sr.ª Dundee deve ser cercada secretamente.

—Muito bem.

Cinco minutos depois dirigiram-se Sherlock Holmes e o inspector Staford com doze agentes á paisana por differentes caminhos para Stamford Hill.

Quando Harry ficou com a sr.ª Dnndec no automovel preparou-se para converter os planos do mestre em realidade.

—Temos que nos afastar o mais possivel de Londres, disse elle para a fugitiva; depois d'esta lhe expressar com palavras effusivas a sua gratidão pela libertação.

Ella replicou:

—Seria uma loucura, meu caro senhor, o sairmos de automovel para fóra de Londres. Em poucas horas estarão todas as esquadras policiaes dos arredores n'uma extensão de algumas centenas de kilometros avisadas da evasão. Mas conheço uma casa onde estaremos provisoriamente em completa segurança.

—Onde é essa casa, minha senhora?

—E' o antigo palacio do Diabo. murmurou a sr.ª Dundee. E' situado em Stamford Hill e tem o seu nome d'uma lenda cujo theatro é n'aquella região. Meu esposo comprou-o ha alguns annos, mas ninguem sabe d'isso. A casa está vasia e podemos dirigirmo-nos para lá sem o menor inconveniente.

Harry accedeu. Estava contente por o accaso ter tomado um desenlace tão rapido e relativamente favoravel.

O palacio do Diabo em Stsmford-Hil parecia deserto, quando Harry ali chegou com a sua companheira, que era tudo menos sua prisioneira. A sr.ª Dundee parecia conhecer muito bem todas as dependencias. Ella carregou n'um botão e immediatamente se illuminou o vestibulo com luz electrica.

Subiu com Harry uma escada alcatifada e repetiu o mesmo. Dentro em breve resplandecia o edificio num mar de luzes, e julgar-se-hia que se davam n'elle festas grandiosas. Mas, passados poucos momentos, apagaram-se as luzes como que automaticamente e só o aposento em que a sr.ª Dundee se retinha com o falso lord Brumbley ficou illuminado.

Este estava brilhante e luxuosamente mobilado. Com espanto, notou Harry uma cama coberta de damasco de seda ensimada por um magnifico docel. A sr.ª Dundee seguiu-lhe o olhar e sorriu. Mas não era em vão que Harry aprendera na escola de Sherlock Holmes.

—Peço que me desculpe durante meia hora, minha senhora, disse elle, vou tomar ar e comprar, ao mesmo tempo, algumas provisões.

Ella abanou a cabeça e bateu as palmas. No mesmo instante appareceram dois creados de libré para receberem ordens da ama.

Ella pediu para lord Brumbley e para si uma opipara ceia. Harry comprehendendo que não acharia outra desculpa para se affastar, aproveitou um momento em que a sr.ª Dundee falava com os criados e escapou-se pela porta. Após algum trabalho encontrou a escada, mas quando poz a mão no punho do portão da casa, notou que ella estava fechada. Todos os seus esforços foram baldados. O portão não cedia. Restava-lhe subir novamente ao quarto de dormir da sr.ª Duddee. Quando se approximava cautelosamente da porta, ouviu dizer as seguintes palavras ao creado:

—Quero que a carta seja entregue só amanhã, comprehendes?

—Sim, minha senhora, respondeu o criado.

Quando Harry entrou novamente, viu que os stores das janellas tinham sido baixados. A sr.ª Dendee estava deitada n'uma cadeira de balouço, lendo os jornaes de Londres.

Que tenciona fazer agora, minha senhora? perguntou elle.

Ella encolheu os hombros.

Esperarei até que meu esposo me venha buscar. Sósinha, nada poderei fazer. Mas Tom Dundee é um homem que saberá encontrar refugio para mim e elle.

Harry abriu os olhos muito espantado.

— Quer então esperar por seu marido? Quer unir-se outra vez a este homem?

—Certamente, meu amigo!

—Como? E tudo o que me contou a respeito d'elle?

—Tudo isso era mentira, lord Brumbley. Julgou realmente poder enganar me a mim e a Tom Dundee? Ouça: Sherlock Holmes foi vigiado todos os dias. Tom Dundee estava informado de todas as suas medidas e logo que entrámos em Stamford-Hill soube quem o senhor era. Por isso deve concordar, meu amigo, que está preso n'um laço do qual jámais se escapará, embora lamente immenso ter que vêr correr o seu sangue.

Harry levou instinctivamente a mão ao bolso onde tinha o revolver.

—Que quer dizer isso? perguntou elle com aspereza, approximando-se da porta que havia pouco acabava de fechar. Mas não cedeu ao seu puxão.

—De nada lhe serve, meu amigo, procurar sahida, disse a sr.ª Dundee, mudando por completo de physionomia.

Uma expressão cruel e satanica reflectia toda a malvadez da sua alma.

Como? gritou Harry furioso. Atreve-se a prender-me n'este quarto? Não desejo, na verdade, luctar com uma mulher, mas se continua a insistir, sr.ª Dundee, terá que soffrer as consequencias!

Ditas estas palavras puxou por um revolver, apontando-o para ella.

—Conto até tres, sr.ª Dundee. Se até então não abrir a porta, procurarei sahir á força.

—Pode contar á vontade, disse ella, olhando para a parede.

Harry contou:

—Um, dois...

N'isto ouviu-se um ruido inesperado, que chamou a attenção de Harry. O papel da parede abriu-se ao meio e um homem alto, com o fato sujo de pó e de lama, entrou. O seu rosto livido e os olhos brilhantes denunciavam qualquer coisa de funesto. O intruso olhou para Harry, cheio de raiva; este deu um grito e apontou para elle:

—Tom Dundee!

—Sim, Tom Dundee, que vocês, seus parvos, julgaram prender sem mais nem menos!

—Alto! alto! ou faço fogo! gritou Harry.

Tom Dundee fez um movimento como se realmente quizesse levar as mãos á cabeça. Mas, levantando a mão direita a meia altura, carregou n'um botão que se encontrava na porta da parede.

Harry deu um tiro, mas a bala não acertou. No mesmo instante cedeu o chão debaixo dos seus pés, estremeceu, virou-se e em seguida cahiu o discipulo do criminalista d'uma altura de 6 metros nas profundezas d'uma «cave» parcamente illuminada.

Sobre elle fechára se novamente o tecto.

Com as pernas e os braços doridos, levantou se Harry.

Atormentado por uma dôr louca, saltou para junto da grade, mas a janellita estava fechada, de maneira que o ar fresco não podia penetrar. Com um ultimo esforço, quebrou a pequena vidraça e cahiu de costas sobre o lagedo da «cave», completamente envolvido pelos vapores venenosos que entravam atravez de alguns buracos feitos na parede.

Embora Harry não voltasse completamente a si, tomava comtudo respiração. De vez em quando sacudia-o a febre que lhe causava o ar empestado e envenenado; o corpo estorcia-se-lhe convulsivamente.

Sherlock Holmes approximava-se cautelosamente do palacio do Diabo, com o inspector.

—A casa está cercada, sr. Holmes, disse Stafford. Será melhor entrarmos sem mais demora e prendermos a mulher.

—Não seja apressado, meu caro inspector, redarguiu o criminalista. Espere aqui um momento, emquanto vou ver se ha alguma outra entrada.

Dito isto, deitou-se Sherlock Holmes no chão, avançando de rastos como uma serpente. Stafford ficou á espera. Passaram cinco minutos... dez minutos... um quarto de hora.

Impacientou-se ao ver a demora de Holmes.

—Mais uma das partidas de Holmes, disse de si para comsigo. Como sempre, quer naturalmente os louros da victoria só para elle. Logo que encontre uma abertura hei de eu entrar.

Pegou no revolver com a mão direita, avisou em voz baixa dois dos seus agentes que estavam proximos e chegou-se ao pé do portão. Este estava aberto.

—Extraordinario! pensou o inspector Stafford. Nunca julguei que a sr.ª Dundee nos facilitasse tanto a tarefa!

Entrou e encontrou-se no vestibulo; este estava pouco illuminado, e não se via ninguem. Segurando na mão o revolver, prompto a desfechal-o, subiu a escada. Nada. Nem viv'alma, nem o menor ruido. Mas d'alli, d'um quarto proximo, cuja porta estava encostada, ouvia-se uma voz de mulher.

Stafford levou o apito á bocca e, querendo chamar todos os policias, chegou-se, resolvido, ao pé da porta, abriu e metteu o braço com o revolver pela porta entre-aberta:

—Alto!

Já não poude pronunciar a palavra «alto». N'um momento apagou-se a luz. Ainda não tinha posto os pés no quarto, quando Stafford sentiu o pescoço agarrado por uma mão de ferro, duas mãos lhe seguravam as suas e a breve trecho tinham-n'o atirado para o chão, sem poder articular uma só palavra.

— Está seguro? perguntou uma voz de mulher, certamente a da sr.ª Dundee.

—Muito bem seguro, respondeu Tom Dundee.

N'este momento ouviu se umestrondo e uma chamma atravessou, a escuridão do quarto.

Tom Dundee, sua mulher e o inspector foram claramente illuminados. Tom Dundee levantou-se, soltando uma tremenda blasphemia. Tirou o revolver da algibeira, mas n'este instante desapparecera a luz, e a bala que o miseravel despedira penetrou na parede. De novo appareceu a luz e sentiu-se a detonação de dois tiros seguidos.

A sr.ª Dundee apalpava a parede, cheia de desespero e ás escuras, procurando a porta, emquanto o marido, soltando um grito de dôr e de raiva, cahia por terra.

Pela terceira vez se avistou a luz misteriosa.

E agora, chamados pelos tiros, entravam os agentes de policia precipitadamente no interior da casa.

Depois de ter largamente procurado, encontrou Sherlock Holmes finalmente uma entrada secreta, que conduzia á porta da parede. Foi d'ahi que deu um tiro nas pernas de Tom Dundee e depois atirou-se sobre a miseravel mulher, que lhe oppunha uma resistencia desesperada. Subjugou-a e atirou-a para os braços dos policias, examinando depois o quarto com um olhar perscrutador. Aos seus olhos perspicazes não escaparam as quatro fendas, indicando a existencia do alçapão. N'um apice fê-lo, com ajuda dos agentes, saltar dos gonzos, amarrou uma corda ao tronco, deixando-se, em seguida, cahir para o fundo.

Ao respirar o ar narcotisado que embebia a atmosphera ia quasi tombando. O espaço era pequenissimo, para isso viu logo Hrry cahido por terra. Levantou-o do chão, pegou n'elle e gritou para cima que puxassem a corda. Um instante depois sentia-se desfalecer.

Mas ao primeiro golpe d'ar puro refez-se. Deitaram Harry no chão, depois de o despirem até á cintura começaram os trabalhos de respiração artificial que tiveram o melhor exito, chamando o á vida.

—O rabo é sempre o peor de esfolar,—disse o inspector, que sentia agora todo o efeito das pancadas que recebera.

Levantou-se vagarosamente do chão com o auxilio de alguns policias, emquanto outros subordinados seus algemavam Tom Dundee e sua digna esposa.

—Teve certamente motivo especial, mestre, para procurar segunda entrada,—disse o inspector.

—Pois claro. E se reflétisse bem, Inspector, nunca entraria pela porta depois de ter lido a carta de Harry.

—Porquê? Julguei encontra-los n'um intimo *têta-á têta*.

Sherlock Holmes sorriu-se.

—A sua phantasia pregou-lhe uma partida d'esta vez, sr. Stafford. Foi capaz de lhe suppôr que Harry Taxxon, um auxiliar inestimavel, meu discipulo de ha annos, se deixaria illudir por uma criminosa ao ponto de se apaixonar por ella.

—Mas, não foi isso que elle escreveu?

—E apezar da sua experiencia acreditou, Inspector, que a carta fôra escripta pela mão de Harry.

Stafford abriu os olhor e a boca

—Com mil diabos! Isso é tão simples como claro e eu não fui capaz de o descobrir.

—E' para que saiba.

A casa de Tom Dundee em Stamford-Hill foi demolida e em seu logar ergue-se hoje uma capella como recordação do sangue que ali fôra derramado.

FIM

100 maneiras de nos defendermos na rua COM ARMAS

200 Rs. 1 volume de 160 paginas, profusamente illustrado, impresso em magnifico papel

◆ ◆ O REI DOS MARES ◆ ◆

AVENTURAS DO CAPITAO MORGAN

O mais famoso pirata de todos os tempos

Publicação quinzenal in-8.º grande com capa artistica a 3 côres

Não se trata de uma personagem ficticia; Morgan existiu· Viveu e perdurou na tradição como o pirata mais extraordinario de todos os tempos.

O romance, rodeado de todos os encantos que lhe são proprios lançou mão do aventureiro e da época em que assombrou o mundo com as suas façanhas. Morgan foi verdadeiramente o chefe d'essa raça de heroes indomaveis que se tornaram temidos com os nomes successivos de **Boucaneiros e Flibusteiros.**

Volumes publicados

1 O thesouro da ilha
2 O segredo do pirata
3 O marinheiro mysterioso
4 O enigma da ilha do Coral.
5 O navio negro
6 Os dois capitães de piratas
7 Inimigos figadaes
8 Expedição para a morte
9 A nau do diabo
10 A cidadella dos piratas
11 O primeiro encontro
12 O naufragio de Morgan
13 Astucias de piratas
14 O terror dos mares
15 O thesouro fluctuante
16 A heroina de Puna
17 O caçador de escravos
18 Nos mares da China
19 Um thesouro no fundo do mares
20 A conquista do diadema
21 Entre os antropophagos
22 No paiz dos celestes
23 O testamento do caçador
24 A jaula de ferro
25 Na fogueira do Rajah
26 Os piratas das ilhas Soulor
27 O fal o inquisidor
28 A mulher-pirata
29 A revolta dos flibusteiros
30 Nas costas de Inglaterra
31 O corsario mysterioso
32 O rei da flibusta.
33 A filha do governador
34 Nos mares australianos
35 No polo austral
36 O phantasma de bôrdo
37 A princeza captiva
38 O templo das serpentes
39 Os prisioneiros de cambaia.
40 O palacio da morte

As novellas em que relataremos as aventuras do CAPITÃO MORGAN serão publicadas em numeros quinzenaes

Cada numero contendo uma obra completa 50 RÉIS A publicação mais barata de Portugal

100 maneiras de nos defendermos na rua sem armas.

100 maneiras de nos defendermos na rua com armas.

100 experiencias recreativas e curiosas.

100 experiencias mathematicas.

100 experiencias chimicas.

Cada volume brochado e illustrado **200 reis**

Collecção Artistica

Publicação mensal e illustrada das mais sensacionaes novidades litterarias extrangeiras

Volumes publicados

1. Arsenio Lupin, gatuno da alta roda, *por Maurice Leblanc (Esg.)*. 2. O Homem Mysterioso, *Guy de Téramond*. 3. O tumulo de gelo, *Pierre Giffard*. 4. Arsenio Lupin contra Herlock Sholmes, *Maurice Leblanc*. 5. Um grito na treva, *Golsworthy*. 6. O Prisioneiro de Marte, *G. Le Rouge*. 7. O Club dos Ladrões, *Henry A. Hering*. 8. A Agulha ôcca, (Novas aventuras de Arsenio Lupin) *M. Leblanc*. 9. O Homem sem rosto, *Paul d'Ivoi*. 10 A Virgem Vermelha, *Pierre Giffard* 11. O Canhão do somno, *Paul d'Ivoi* 12. Qual dos tres? *grande romance policial, A. Q. Green*. 13. A Guerra dos vampiros, *G. Le Rouge*. 14. O Pirata de Ferro, *Max Pemberton*. 15, As tres gatunas, *sensacional romance de aventuras) Paul d'Ivoi*. 16. Kowa, a mysteriosa *por Ch. Foley*. 17. 813. (Novas aventuras de Arsenio Lupin). *por M. Leblanc*. 18. Em Férias. *por Henri de Régnier*. 19. O Palacio submarino, *por Max Pemberton* 20. Um crime tenebroso, *por A. Galopin*. 21. A sombra mysteriosa, *por Fergus Hume*. 22. O Sonho, *por E. Zola*. 23. Os dez olhos d'oiro, *por P. d'Ivoi*. 24. Um gatuno de casaca, *por E. W. Hornung*.

350 RS. Cada vol, in-4º, contendo a materia de um grosso vol. in-8º, de 300 RS. 350

Um romance completo por 200 REIS

OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

CADA VOLUME CONTEM 14:00 LINHAS DE LETURA EMPOLGANTE

Volumes publicados.

O homem das multidões, *de Pierre Zaccone.*
O casamento d'um forçado, *de A. Bouvier.*
A aposta maldita, *por Jules de Gastyne.*
Os Facas d'Oiro, *por Paulo Féval.*
As filhas do povo, *por Alexis Bouvier.*
O filho dos boers, *por Rider Hagart.*
Duvida fatal, *por Marcello Prévost.*
O segredo da desconhecida, *por J. Gastyne.*
Fausto, *por Raoul Verneiul.*

Estes romances, seleccionados com escrupulosa attenção, comporão uma verdadeira bibliotheca popular de educação.

200 REIS OS BONS ROMANCES

Publicação mensal de grande formato

um bom romance completo

LIVRO POPULAR

Collecção de romances dos melhores auctores

Terminada a publicação da primeira série do LIVRO POPULAR, iniciamos a segunda, sensivelmente melhorada, com a formosissima obra de Alexandre Dumas, filho

DIANA DE LYS

Cada volume da nova série do LIVRO POPULAR, além das modificações que julgámos dever introduzir-lhe, está resguardado por elegante capa artistica a tres côres, continuando a manter-se o preço de

100 réis = Cada volume = réis 100

MEMORIAS DE SÄR DUBNOTAL

O REI DOS PSYCHOGOGOS

E' uma nova sciencia a sciencia do INVISIVEL, que abraça o conjuncto dos conhecimentos psycho-physiologicos, os phenomenos do

Somnanbulismo	**Telepsychia**	**Suggestão**	**Magnetismo**
Levitação	**Telepathia**	**Hypnotismo**	**Auto-suggestão**

LEIAM AS MEMORIAS DE SAR DUBNOTAL

que profunda todos estes mysterios

Lel'os é penetrar nos dominios do Sobrenatural, é s multaneamente recrear o espirito e adquirir conhecimentos scientificos.

Breve estará á venda o primeiro episodio d'esta série de novellas, que serão **absolutamente independentes uns dos outros, resguardados por uma elegante capa chromotypographica ao preço de**

100 réis - Cada volume - réis 100

Recebem-se desde já pedidos e assignaturas.

NO PRELO:

O futuro desvendado pelas cartas